

AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O CASO DE JEREMIAS

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT

26/05/2014

COMISSÃO DA VERDADE**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****26/05/2014**

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, 123ª Audiência Pública, 26 de maio de 2014, Auditório Franco Montoro.

Está instalada a 123ª Audiência Pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 26 de maio às 14 horas no Auditório Franco Montoro sobre o caso Paulo Roberto Pinto, o Jeremias.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

Formação da Mesa, Sebastião Neto que já está aqui, Murilo Leal, autor do livro “À Esquerda da Esquerda: Trotskistas, Comunistas, Populistas no Brasil Contemporâneo (1953 - 1966)”, publicado em 2004, professor da Universidade Federal de São Paulo, Unifesp. José Felipe Rangel Gallindo, nosso companheiro, pernambucano, autor da pesquisa, o autor de “Jeremias, o Trotskismo no Campo em Pernambuco, 2013”, autor do roteiro do vídeo “Jeremias” feito pela Comissão da Verdade do Estado de Pernambuco Rubens Paiva, Estado de São Paulo Rubens Paiva, perdão.

O Felipe Gallindo fez o roteiro da vídeo-biografia “Jeremias” que é interpretada pelo ator, depois vou lembrar o nome dele, Lélia Pinto, irmã do Jeremias. A Lélia está aqui, onde ela está? Está aqui. Dinho Lima Flor, ator pernambucano. Dinho, da Companhia do Tijolo, Dinho Lima Flor. Então a Lélia Pinto, irmã de Jeremias.

Bom, vamos lá. O Cláudio Cavalcanti, preso com Aybirê Ferreira de Sá e Carlos Montarroyos, companheiro Cláudio Cavalcanti e para completar a Mesa, a Maria José

de Sá, Maria José Lenise de Sá, companheira de Aybirê Ferreira de Sá, autor do livro “Das Ligas Camponesas à Anistia: Memória de um Militante Trotskista”. E o Martinho Leal Campos, militante do período, Martinho, que veio também a nosso convite e também haverá a fala do Boris Vargaftig e do Almério Melquíades de Araújo.

Bom, inicialmente até peço desculpas que nós convidamos as pessoas para vir à Mesa, mas vamos projetar dois vídeos. Esse vídeo aqui de São Paulo que o texto é do Gallindo e outro vídeo produzido lá em Pernambuco, não é isso? Então eu peço desculpas para que todo mundo não fique olhando para a tela, embora não há problema nenhum se as pessoas quiserem voltar, mas senão a gente vai ver primeiro, acho que é o mais conhecido, pelo menos mais divulgado que é o produzido aqui pela Comissão Rubens Paiva.

O professor Tullo embora tenha contribuído enormemente para a realização dessa cerimônia, dessa audiência, ele não vai poder estar presente e evidente agradecer ao companheiro Sebastião Neto e o grupo dele, o IIEP por toda essa dedicação, essa capacidade de trabalho que ele tem do Grupo Treze que é o grupo dos trabalhadores.

Então sem mais delongas, vamos passar os dois vídeos. Fala um pouquinho sobre o segundo vídeo que eu tenho pouco conhecimento.

O SR. SEBASTIÃO NETO – O então promotor Sobreira, que nós vamos ver o vídeo, na época era juiz, o autor está do lado porque a correção é automática, é melhor do que, está certo. O juiz Sobreira, ele fez um depoimento na Comissão Dom Hélder Câmara em Pernambuco, eles mandaram para a gente não só o vídeo como a transcrição.

Então quando for passar o vídeo, nós vamos distribuir a vocês, acho que tem 30 cópias da transcrição do vídeo. O vídeo é mais longo, nós ficaremos 20 minutos que fala diretamente do “Caso Jeremias”. Para resumir a história, ele com todo o cuidado no processo tentou estabelecer a cadeia de comando inteira e não apenas o jagunço que atirou, ele no golpe é afastado das funções e ele é preso. A própria história vai contar depois para vocês, é o segundo vídeo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – As pessoas daqui, todas são a maioria está por dentro do caso e é bastante politizado, o Caso Jeremias e o Gallindo deixa, o Felipe Gallindo deixa muito claro isso na vídeo-biografia, é um caso diferente, o Jeremias foi assassinado antes do golpe e a repressão foi exercida diretamente pelo usineiro dentro da usina que o assassinou por causa da reivindicação do cumprimento do 13º salário.

E aí nós vamos, mas é uma coisa importante e um marco porque as pessoas falam; “não, depois do golpe, depois do golpe” e esse caso ele tem uma precocidade que é o fato de ter ocorrido antes do golpe. Mas vamos lá, temos a tarde inteira para, esse é o livro, estou vendo várias publicações aqui.

(Inaudível).

O rapaz que é de Mogi e que a irmã trouxe o livro e aí ela vai comentar, não é? Sobre o livro também, esse livrinho aqui, "O Guerrilheiro (Ininteligível)", que o Percy escreveu, não é? Depois a senhora vai falar, a hora que a senhora tiver a palavra. Danilo, ela está mal acomodada naquela cadeira. Vamos começar, vamos lá.

É feita a exibição do filme “Jeremias”.

“Tudo aconteceu muito rápido, aqueles dias, semanas e meses em 1963, corriam céleres como um vento que prenunciava uma forte tempestade, uma tempestade revolucionária sobre o Brasil. Eu poderia tê-la visto, mas como eu ia dizendo, tudo aconteceu muito rápido.

Foi no começo de tarde em agosto de 1963, bem na frente da delegacia sindical do Distrito de Ferreiros em Itambé, Pernambuco, eu acabava de discursar em mais um comício.

Desde que chegara à Itambé e conseguira me integrar ao sindicato rural, as greves se multiplicaram. A exploração secular sofrida pelos trabalhadores rurais estava

cada vez mais sendo questionada. A força adormecida dos camponeses finalmente explodia em uma crescente onda de organização sindical que se espalhava pelo campo nordestino e brasileiro. Éramos parte desse processo e nós, os trotskistas, seríamos a sua vanguarda.

Naquele 8 de agosto de 1963 três engenhos estavam paralisados pela greve organizada pelos conselhos de camponeses, em todos eles a principal reivindicação era o pagamento do 13º salário atrasado desde dezembro de 1962, mas como eu ia dizendo, o comício tinha acabado, a multidão de trabalhadores rurais e seus familiares estavam se dispersando.

Eu estava conversando com alguns companheiros e falando do meu desejo de que quando vencêssemos mais essa greve eu pudesse sair um pouco da região e viajar para São Paulo para rever a minha família.

Foi quando o mensageiro chegou apressado e nervoso. Ele dizia 'Vim da parte de José Borba', proprietário do Engenho Oriente, o mais reacionário latifundiário da região. Segundo o portador da embaixada, o velho Borba iria pagar o décimo na sede do engenho na presença de um funcionário do Ministério do Trabalho e aí eu desconfieei, aquilo estava muito esquisito.

Oriente era o que mais explorava seus trabalhadores de todos os engenhos. Seu Borba dizia para quem quisesse ouvir que o ano só tinha 12 meses e dessa forma não iria pagar de jeito nenhum o 13º. Como ele tinha mudado de ideia tão rápido? Não tive muito tempo para pensar.

Ao ouvirem que o Oriente iria pagar o décimo, a massa camponesa delirou, começaram a cantar e alguns choraram de alegria. Se o Oriente havia se dobrado à força da greve, os outros logo seguiriam. Me abraçaram, insistiram para irmos logo para lá.

Eu não podia voltar atrás e abandonar meus companheiros. Falei para o mensageiro que estava saindo sorratamente que ele iria comigo e fiquei bem ao seu lado, ombro a ombro, rodeado de companheiros mais próximos e fomos a mais uma caminhada que eu temia que fosse a última.

Desde minha prisão em julho, pela polícia de Arraes, que as ameaças dos latifundiários aumentara, eu estava sendo caçado. Dormia no meio dos canaviais ou nas

casas de farinha, pois se os capangas dos latifundiários soubessem que eu estava em uma casa de morador da região lá mesmo eu seria assassinado.

A minha segurança só podia ser uma, a força da massa camponesa. Eles não ousariam fazer o que prometiam na frente de centenas de pessoas. À medida que saíamos da cidade e entrávamos pela sinuosa estrada de terra batida, mais e mais companheiros engrossavam a caminhada.

À medida que a caminhada seguia no burburinho das falas e das risadas, na poeira da estrada, no vai e vem das canas dançando sobre os ventos de agosto, eu viajava no tempo e no espaço também e via e ouvia como em um redemoinho de imagens e sons a minha vida breve, mas intensa vida. Via meus pais, seu Sebastião e dona Florença nas lidas da vida. Papai com o comércio de queijos e a gráfica e a paixão pelo comunismo, minha mãe comigo e meus irmãos herdara do velho a repulsa às injustiças e o desejo de igualdade social, mas as coisas foram mudando quando ele passou de proletário para patrão.

Eu o amava, mas na gráfica a justiça não existia, devíamos repartir os lucros, fizemos uma greve. Eu fui demitido e expulso de casa, mas eu aprendera tudo isso com meu pai. Minha mãe sofreu muito, meus irmãos também principalmente a Lélia e o Édson que eram muito próximos a mim.

Ganhei o mundo, rompi com o PCB, conheci e abracei o Trotskismo, fundamos o sindicato dos gráficos de Mogi das Cruzes onde fui metalúrgico da Mineração Geral do Brasil, organizei piquetes nas portas das fábricas, fui preso várias vezes. Viajei para a Argentina para trabalhar para a seção da minha IV Internacional nas eleições provinciais. Pichei muros portenhos em portunhol nos bairros obreiros de Buenos Aires.

Fui para um grande encontro de trabalhadores rurais e camponeses em Belo Horizonte em fins de 1961 onde conheci Chico Julião, Joel Câmara e tantos outros. Lá foi decidida a minha ida para Pernambuco para atuar no campo, Recife. Recife, a Veneza brasileira, cidade revolucionária, idas e vindas entre Recife e Itambé, idas e vindas com fome, sem dinheiro, mas com o coração repleto de sonhos.

Pichações contra a intervenção imperialista contra Cuba, de novo mais uma prisão na minha coleção. Cada vez mais Itambé do que Recife. A minha família? Só em esparsas cartas entregues em mãos, muitas saudades de todos.

As caminhadas entre os engenhos, léguas sob um sol abrasante, sede e fome saciadas pelos companheiros pobres nas posses, mas ricos na generosidade. Criamos os conselhos de camponeses, organizamos o movimento sindical na região, vencemos todas as greves, os patrões tremiam de medo e ódio de classe.

Os seus capangas não mais se escondiam, agiam abertamente durante o dia e furtivamente durante a noite tentando nos intimidar, mas sem sucesso. Tudo caminhava como sempre até a prisão pela polícia de Arraes.

Foi em fins de julho, levado para a delegacia auxiliar em Recife, fui preso sem acusação formal só para satisfazer aos latifundiários. Acusado de infiltração pela polícia de Arraes, neguei à vil infâmia só revelando a minha filiação partidária depois de três dias de tortura psicológica, fui solto, mas as coisas pioraram, ah, e como pioraram. Pistoleiros armados rodavam a região perguntando por mim, capangas a cavalo irrompiam por entre qualquer grupo de camponeses que se formasse.

Aguardava uma resposta da direção nacional do partido, não abandonaria a minha tarefa custasse o que custasse. Só a massa camponesa compacta e corajosa poderia fazer frente a toda violência do latifúndio assassino, era ela que estava ao meu redor, era ela o ar que eu respirava, era ela a minha força e esperança, era ela o meu elemento.

Com ela cheguei à primeira porteira do Engenho Oriente. À frente dela encarei o primeiro capanga encostado na porteira com o fuzil encostado na ponta da bota enlameada e eu disse: 'eu quero ver o patrão' e ele disse: 'Só entra um'.

A multidão ansiosa tal qual uma criança faminta movimentava-se qual a uma onda prestes a arrebentar sobre os portões do inferno. Virei, abri os braços e disse: 'rapaz eu quero é paz'.

Um sonho incomum naquela situação ecoou vinda da sede do engenho maldito, Trrrr... Trrrr... A dor atravessando as costas e saindo pelo peito. O grito lancinante e derradeiro, a fuzilaria bestial de covarde, o tropel insano e desordenado da multidão

apavorada, quem eu sou? Neste último lampejo de consciência de vida. Eu sou Paulo Roberto Pinto, mas podem me chamar de Jeremias”. (Palmas.)

O SR. SEBASTIÃO NETO – A fim de registro porque está gravando, esse é o depoimento feito na comissão Dom Helder Câmara de Pernambuco pelo juiz Sobreira 91 anos de idade. Ele até teria condições de viajar, mas a família, ele, a Dra. Célia que passou o vídeo para a gente e também a Nádja Brayner que nos enviou o vídeo e a transcrição, diz que é pra se emocionar, não teria o porquê repetir essa emoção.

Então acharam que o vídeo que nós vamos ver agora responde ao que foi a iniciativa dele, a toda a cadeia de comando e não apenas o José Borba que era o mandante não só apenas pelos jagunços e ele depois do golpe é afastado das funções e preso. Ele vai contar essa história.

É feita a exibição de um filme: “Edgar Sobreira”

“SR. EDGAR SOBREIRA - Removido da Comarca de Panelas para a Comarca de Itambé em 9 de abril de 1964, data da instituição do primeiro ato institucional graças ao golpe de primeiro de abril. Recebi em minha casa dois cidadãos que se diziam militares da polícia.

Faziam-me um convite para comparecer ao IV Exército, não hesitei, nada devia, compareci. Saí realmente quase que escoltado em um jeep ao lado de dois militares da polícia.

Em seguida me apresentaram à Secretaria de Segurança a antiga Sorbonne. Lá encontrei um cidadão com três estrelas de cada lado, três estrelas, um coronel que prefiro não dizer o nome, vestido tipo oficiais do exército hitleriano, bigode vermelho, cabelos cortados a militar, olhou simplesmente para mim e disse: 'Apresenta no DOPS'. Fiquei sem saber o que era o DOPS, confundi até com dropes aquele confeito que existia naquela época.

Apresentaram-me perante um senhor, primeiro ministro, o delegado auxiliar 'de saudosa memória' entre aspas. Mandou sentar-me, fiquei e quando foi por volta de oito horas da noite para nove ele me convidou, sentei e disse: 'Não vou fazer interrogatório, escreva o que estou te dizendo, o que eu vou fazer?' Meus dados biográficos, minhas conotações de amizade com militares paisanos e sempre primei em fazer na minha profissão de magistrado. Resultado, não me deram mais notícias.

Permaneci por assim na Sorbonne por 18 dias, eu e muitos colegas de curso superior. Aparecia sempre de quando em vez um militar fardado, capitão, chamando-nos, dizendo-nos que a alimentação iria se acabar porque os comunistas tinham acabado com a Secretaria de Segurança. Cada qual que mandasse buscar comida em casa e realmente isso aconteceu.

Passaram-se os dias, uma bela noite por volta das doze e meia para uma hora tocavam as sirenes e todos os presos políticos se reuniam no pátio. Não sei se (Ininteligível).

O SR. – Não, fique inteiramente à vontade.

No pátio então não sabíamos para onde ir. Diziam-nos: 'Fernando de Noronha', outro 'É aldeia'. Finalmente fomos para casa de detenção do Recife, hoje a Casa da Cultura. Após 18 dias na Sorbonne, 18 dias cerca de 20 presos políticos como éramos chamados, depois de 18 dias graças, segundo consta a interferência do então secretário de segurança, da justiça Dr. João *ininteligível*, foi designada a abertura de alimentos vindos de fora, 18 dias.

A convivência em comum após esses dias fazendo um parênteses, onde há comida parecia até que nem *ininteligível* comesse, mas era a comida que se apresentava aos presos políticos naquela época.

Dezoito dias após para completar os 54 dias, mandaram a mim e o Dr. Márcio Rollemberg Leite o então juiz de direito também para o quartel do DE-PE, bem tratado no quartel do DE-PE, certos oficiais tinham convivido comigo, sabendo da minha

orientação e da minha formação me visitavam sempre até que um dia chega um alvará de soltura e esse alvará era assinado pelo então delegado auxiliar Álvaro da Costa Lima graças a um decreto de Taurino Rezende, general que era o responsável por todos os inquéritos militares da época. Ele baixou um decreto que aqueles que, presos, não tivessem sido denunciados fossem postos em liberdade. Eu não tinha sido denunciado nem Márcio Rollemberg e fomos soltos.

Dáí então fiquei aguardando as decisões. Quando preso tive a visita do presidente do Tribunal de Justiça o Dr. Adauto Maia, levava-me não só o conforto moral, mas como o contracheque para uma família que estava completamente desarvorada e dizia: 'Nada posso fazer porque até o próprio Tribunal de Justiça nenhuma garantia tem diante do regime que estamos atravessando'.

O golpe de primeiro de abril referendado pelo ato institucional número um tirou todas as garantias possíveis e imagináveis onde os palácios de justiça passaram para seus quartéis, as segundas seções onde aqui contávamos um triunvirato que comandava o estado, Ibiapina, Bandeira e Ivan Ruy, três coronéis que mandavam e desmandavam no velho Pernambuco.

Havia um governador do estado, naquela altura o governador parecia com menos autoridade de que com o próprio juiz que tinha sido preso, mas tudo passou. Depois da liberdade chegava as minhas mãos uma relação de oito comarcas nas vizinhanças do Recife para que eu escolhesse qual delas eu queria, era uma recompensa. Agradei porque já estava em minha comarca de vertente, desculpe a emoção. Lá passei o meu tempo de magistrado

Quanto ao motivo da prisão, vamos outro capítulo. Era 9 de abril quando recebi o convite para o IV Exército, de IV Exército não tinha nada, era apenas o crime da chacina lá no município de Itambé.

Ali senhores de engenho, permita-me que eu explicito o fato, inclusive o nosso historiador o fará melhor, o Gallindo. Ali, depois desse crime, chegava as minhas mãos nos primeiros dias de janeiro o processo onde era envolvido não só o dono do Engenho Oriente, mas seus comparsas e proprietários de engenho também.

Diante de um simulacro onde o Jeremias *ininteligível* na justiça, foi assassinado em uma trama *ininteligível*. Era ele, como todos nós sabemos na época, um trotskista, moço de 22 anos, dizem que de um carisma singular e reivindicava naquela época alguns direitos dos trabalhadores da cana. Entre outros engenhos ele foi ao Oriente a convite do proprietário do engenho, mas o que recebeu? Bala. O primeiro a cair, segundo consta nos autos foi o Jeremias.

Os camponeses correram desarmados levando balas, *ininteligível* pelo engenho e pelo canal afora. O processo foi feito graças à orientação de um juiz e de um promotor e de um tenente da Polícia Militar. Essas duas figuras, diante dos acontecimentos, foram demitidas, o oficial e o promotor, foram demitidos. O juiz porém não foi.

O SR. – O promotor era o Murilo Barbosa, não é?

Murilo Barbosa, por sinal estive há pouco tempo com a viúva dele, não foi isso doutor? Nós estivemos lá? Murilo Barbosa, recebi a denúncia do processo, era um promotor então *ininteligível*. Li a denúncia apresentada como rixa, sem autoria certa. Pedi então a prisão preventiva do vaqueiro da propriedade que teria sido o assassino de Jeremias. Não decretei a prisão, àquela altura se houve um conluio de crimes a decretar a prisão preventiva do vaqueiro, teria que decretar a prisão de todos que tomaram parte na chacina, não dei.

Marquei a audiência. O oficial de justiça deu a certidão de que estavam em lugar incerto e não sabido. Publiquei o edital como mandava o processo. Antes do prazo chegavam à Itambé entre outros advogados o Dr. Edson Moury Fernandes, o velho e outro advogado que me foge a memória procurando fazer um interrogatório independentemente da data fixada e eles apresentariam os réus.

Eu digo, 'se houver vaga o farei', como que realmente aconteceu. O principal denunciado Zé Borba, era assim que o chamávamos, parecia que estava diante do cadafalso, não admitia que fosse interrogado nem pelo presidente da República tal a prepotência.

Tratei com toda a delicadeza como sempre aos réus, dei o direito de falar o que quisesse porque sempre considerei o réu *ininteligível* advogado principal. Se no interrogatório no decorrer do processo fosse julgado aquilo que ele tinha dito absolvía, mas se dissesse ao contrário ele estava mentindo, era condenado. Com toda grandeza de tratamento o Zé Borba contou toda a história como quis, depois mais outro que não me recordo o nome porque já faz quase 50 anos e o processo prosseguiu.

Quando, isso foi antes de 09 de abril, 09 de abril me levaram, passei 54 dias, designaram um juiz que me fuge à memória, esse juiz absolveu todos por falta de provas e o processo foi arquivado e até hoje ninguém sabe onde anda. Sei bem que antes de serem julgados alguns dos réus compareceram ao cartório onde tinha sido distribuído o processo requerendo os autos para dar um fim e o escrivão negou. Apenas disse; “Traga uma ordem do IV Exército que eu entregarei o processo”.

Mas o processo desapareceu e assim depois desse interrogatório, depois dessa prisão, desse estágio de 54 dias que o processo foi julgado e eu fui solto, fui absolvido. Absolvido não, eles nunca me deram nota de culpa, nunca me forneceram prova de qual foi a culpa que eu cometi.

Posso dizer que aquilo tudo, para resumir um pouco, foi uma *ininteligível* de juízo ao julgador. Quanto vale um dia de liberdade? Um dia. E quanto vale uma injustiça?

Procurei cada vez mais no meu espírito de magistrado independente formar a minha convicção de que a injustiça é o pior dos pecados. Amar ao próximo como a si mesmo. Mas diante dos fatos eu resumo com dados, na minha comarca de vertentes, depois de alguns anos removido para a comarca em Recife, quase 20 anos na Vara de Família lembraram que eu era um juiz bom, segundo diziam e me deram o título de desembargador e em pouco tempo depois me aposentei, atingi a compulsória e voltei ao convívio de todos os meus jurisdicionários”.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Então vamos dividir em duas Mesas para ficar mais didático. O Murilo, essa Mesa? Então fica aí e me ajuda. Vamos lá, Murilo, Boris, Gallindo e Lélia. Pronto.

O SR. SEBASTIÃO NETO – Você quer que, para facilitar a Mesa aqui pode continuar?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Então vamos lá. Então vou passar imediatamente, quem começa? O Murilo? Murilo, você começa, por favor. Murilo Leal.

O SR. MURILO LEAL – Boa tarde a todos, eu vou ser bastante breve aqui. Eu agradeço ao convite do deputado Adriano Diogo, companheiro Sebastião Lopes Neto da Comissão Estadual da Verdade para falar, fazer um breve depoimento nessa Sessão de hoje, uma Sessão para nós todos da maior importância e eu vou falar um pouco sobre a atuação dos trotskistas nesse contexto do período dos anos 1962, 1963 e 1964 que é quando ocorre a greve nos canaviais de Pernambuco, nessa região de Itambé, no Engenho Oriente e o assassinato do Jeremias.

Fica bastante claro nos depoimentos que essa pequena organização, Partido Operário Revolucionário Trotskista, ela atua atacando problemas estruturais do Brasil que permanecem até hoje e as articulações políticas, a política de conciliação que davam sustentação à manutenção, à preservação, à permanência dessas estruturas, da estrutura agrária mais especificamente do poder econômico-político dos latifúndios, dos latifundiários.

E como nós vimos nos vídeos se impunham sobre a justiça em Pernambuco e no Brasil todo e era a grande estrutura que vem do período colonial. E esse debate sobre a reforma agrária, ele se processava, mas também se processava uma luta concreta pela reforma agrária e pela organização dos sujeitos que poderiam promover a reforma agrária.

Então por um lado o governo do João Goulart colocava isso na agenda e todas as forças de esquerda progressista da reforma agrária e por outro lado grupos ligados às

ligas camponesas ou aos trotskistas e outras organizações forçavam a luta contra o latifúndio pela reforma agrária, por exemplo, com ocupação de terras.

Então é importante destacar essa ação desse núcleo de militantes do qual o Paulo Roberto Pinto fazia parte, que tomou para si essa tarefa de lutar quase com as mãos nuas lutavam com a organização camponesa contra a estrutura fundiária do Brasil e levando para Pernambuco algumas ideias que vinham da experiência de organização dos trabalhadores nas fábricas como eram os conselhos camponeses.

Então era uma luta por mudanças de estrutura e era uma luta com métodos até certo ponto pouco conhecidos, de pouca tradição que era essa organização ao mesmo tempo articulada com o sindicato e com as ligas camponesas, mas também promovendo a organização dos conselhos dos camponeses que era uma organização de base que os trotskistas promoviam em Pernambuco onde havia uma organização, uma presença trotskista maior nesse meio rural. E junto com a organização dos conselhos dos camponeses, uma luta para a organização de uma central camponesa, uma central única camponesa que era outra bandeira levada pelos trotskistas naquele contexto ali do período de 1962 a 1964.

Os companheiros aqui presentes na Mesa vão poder falar muito melhor que eu sobre isso porque participaram diretamente nessa luta.

Os riscos aos quais Jeremias se expôs, então são riscos de uma organização pequena, que não era uma organização armada, que enfrentava o latifúndio não no discurso apenas, mas com ações e que enfrentava ao mesmo tempo que o latifúndio enfrentava com formas de organização como eram os conselhos camponeses, a ideia da central camponesa e combatiam ao mesmo tempo essa composição, que o governo Arraes representava, de uma composição em que os latifundiários tinham guardada nesse governo embora fosse um governo de reformas, mas eram as reformas encaminhadas por essa via que é a via bem tradicional das reformas do Brasil, a via da conciliação.

No Brasil a gente tem poucas reformas, poucas conjunturas em que as reformas são impostas diretamente pelos principais sujeitos interessados nessas reformas. Pensando nas reformas da própria abolição da escravatura, por exemplo, e a proclamação da república, muitas vezes são setores conservadores que depois que o tempo amadureceu, eles reprimem o sujeito da reforma e fazem a reforma.

Ou então buscam uma reforma que vai enfraquecendo a sua densidade e se transforma, a sua intensidade se transforma quase que em uma antirreforma ou em outra coisa e esse combate também político dos trotskistas que ao mesmo tempo apoiavam as reformas nesse período, mas também chamavam os trabalhadores de uma organização própria e combatiam a política de conciliação nacional, expunham mais ainda esse grupo à repressão, expunham à repressão e ao isolamento naquela conjuntura histórica.

E para finalizar é importante assinalar nesse período de 1963 certamente o assassinato de Jeremias a gente pode dizer isso com segurança, faz parte de uma cadeia de ações preparatórias de um ambiente para a repressão, para um movimento contrarrevolucionário que depois tomou a forma que tomou, de um golpe militar com apoio civil, mas em 1963 um período, o período anterior de uma crescente organização popular até certo ponto consentida pelos governos e pelas classes dominantes.

Esse período vai se esgotando e em várias situações, aqui em São Paulo também na greve dos 700 mil, a greve geral em outubro de 1963, verifica-se uma repressão inédita já com uma ação de prisões e de torturas praticadas em uma articulação entre os governos aqui em São Paulo do Adhemar de Barros, no Rio do Lacerda e não se pode dizer a mesma coisa do governo Arraes que não apoiou esse movimento preparatório para o golpe de jeito nenhum, foi vítima do golpe.

Mas as forças civis como o latifundiário citado, o Borba, elas se articulavam em parte espontaneamente, em parte de forma bastante organizada como denuncia no seu livro o Renê Dreifuss, se preparavam então para enfrentar de forma violenta aquele ascenso, aquele crescimento da organização popular que vinha respaldado em várias ações como essa dos trotskistas em Pernambuco, ou dos operários em São Paulo, ou no Rio Grande do Sul, os estudantes pelas várias regiões do Brasil.

Então nós podemos inscrever esse fato do assassinato do Jeremias como uma das ações preparatórias para um clima, para um ambiente de enfrentamento, de impunidade e de ataque contrarrevolucionário que se praticou a partir de outubro de 1963 até 1964 bloqueando o caminho das reformas por cima e por baixo, vamos dizer, porque vinham, estava na agenda do governo, mas vinham também da Ação Popular que se encaminhavam nessa conjuntura desse período.

Então são apenas algumas considerações para ajudar situar politicamente alguns traços do ambiente político nacional e regional em que ocorreu o acontecimento e que os companheiros aqui presentes vão falar melhor que eu sobre esse ponto. Obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Boris. Boris pronuncia o seu sobrenome.

O SR. BORIS VARGAFTIG – Vargaftig.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Se apresente, faça uma introdução se apresentando e a palavra é toda sua Boris.

O SR. BORIS VARGAFTIG - Bom, eu me chamo Bernardo Boris Vargaftig, fui membro da direção do PORT nos anos 1958 até 1962 e conheci, portanto de passagem, mas intensamente naquele momento o Paulinho como nós o chamava.

Na realidade quando ele foi assassinado é que eu descobri que ele tinha tomado o nome de guerra de Jeremias, eu não o conhecia como tal, mas o Paulinho talvez tivesse outro nome de guerra. Eu o conheci dentro do contexto de um grupo pequeno de Mogi das Cruzes constituído por ele, por um companheiro, eu não vou dar nomes, por um companheiro e sua companheira e mais outro companheiro metalúrgico, eram quatro pessoas que eu acho, a memória não ajuda muito, mas eu acredito que eles estavam em ruptura ou com o PCB ou com o PCdoB que era uma estrutura evidentemente muito diferente do que é hoje.

Era realmente um partido maoísta com quem os trotskistas paradoxalmente mantinham relações extremamente cordiais naquele momento. Era uma coisa um pouco curiosa porque eles falavam evidentemente muito mal de Trotsky e a gente nazifascista e etc., mas batiam maiores papos conosco e aproveitavam ali muitas ideias, eles eram

esse grupo pequeno, era muito inteligente, era gente competente que soube *ininteligível*, aliás, anteriormente era Pomar, gente assim, o Grabois eu não cheguei a conhecer, mas o Pomar muito bem.

E era gente extremamente eficiente, dedicada e inteligente e que no fundo não acreditava nas bobagens que diziam, mas por razões de política local, internacional ser chamado de trotskista era ainda mais feio que hoje e eles não fugiam muito dessa pecha, mas no fundo eles tinham uma política que procurava se aproximar.

Houve muitas coisas curiosas que ocorreram, gente que nós naquela época havíamos colocado em contato com eles e que no fundo aderiram a eles, o que mostra que a proximidade era grande, não vou dar nomes, mas é gente conhecida e que vive ainda e que legitimamente achou que tinha que mudar, mudou e passou para ser o que o PCdoB anteriormente.

Então conheci o Jeremias nesse contexto e que eles se aproximavam de nós e esse grupo de quatro desapontados pelo stalinismo, com uma formação teórica evidentemente não muito aprofundada, mas suficientemente forte e com consciência bem clara do que queriam e lá se desenvolveram muito rapidamente.

Em seguida eu perdi o contato por iniciativa minha e de fato eu nem sabia antes do assassinato e tudo isso que Paulinho/Jeremias se encontrava e ainda mais havia sido assassinado nessas condições.

Eu quero dizer uma coisa que é importante que parece a mim. Naquela época havia a mesma ilusão nacionalista que sobre outra forma se perpetuou no PT e se perpetua ainda no PT e em partidos afins, era chamada “A Política da Frente Popular”. Eu vou sair um pouco do tema “Jeremias” para dizer uma coisa que para mim foi bastante interessante.

Eu acabo de ler um livrinho pequeno editado pela editora Perspectiva chamado “A Revolução Espanhola”. Desculpe, por favor, sim. E esse livro foi de um escritor francês chamado Pierre Broué. Talvez alguns aqui o conheçam, ele escreveu uma gigantesca história, uma biografia de Trotsky, uma biografia de Stalin, um livro sobre a Internacional Comunista.

E esse livro sobre a Revolução Espanhola é absolutamente fascinante porque ele mostra coisas que intuitivamente eu sabia, tinha lido de uma forma dispersa em outros lugares como a política da chamada “Frente Popular” que foi responsável pela vitória do Franco, muito mais do que as fraquezas militares da República Espanhola.

O que é mais interessante ainda é e eu vou procurar fazer talvez até um artigo sobre isso fazendo duas colunas, “Os acontecimentos espanhóis e os acontecimentos em curso no Brasil”. É inacreditavelmente parecido. Evidentemente os marxistas são chamados frequentemente de mecanicistas, estão sempre copiando alguém dizendo; “a Revolução Russa foi assim e devemos fazer assado”, o que é uma grande bobagem, ninguém raciocina dessa forma, mas nos eventos históricos da Revolução Espanhola e do que está acontecendo hoje no Brasil tem muita coisa parecida e até gente que você reconhece, é incrível.

Tem uma pessoa chamada Largo Caballero que era um político importante, ele chamada “Esquerda Republicana” e que não foi anti-trotskista embora cedesse a essa política e esse fulano lembra o Arraes, lembra gente assim, que procura fazer de um jeito, procura fazer de outro, mas precisa de mediação entre extrema esquerda e a esquerda oficial tipo Frente Popular que na Espanha era massacradora, mataram mais ou menos 30 mil trabalhadores ligados ao chamado “Partido Operário de Unificação Marxista” que não era trotskista, mas era vizinho.

Tudo isso para dizer que a história vai se repetindo e que é muito importante essa noção e por isso eu acho que estudar o caso de Jeremias e outros desse tipo não é só uma homenagem válida e merecida à coragem, à disponibilidade e às suas ideias, mas é também uma coisa importante para compreender o mundo, o Jeremias é um micromundo de uma série de outras coisas que vão acontecendo, como certos políticos burgueses hoje em dia, são micromundo para outras coisas que ocorrem.

Eu acho então que o Jeremias foi realmente um precursor, pois foi uma pessoa de uma dedicação total, ele foi, chegou e não venceu, mas venceu historicamente. Não venceu porque obviamente teve esse assassinato pavoroso e no qual eu não gosto muito de dizer que o Arraes participou, não me parece legítimo dizer isso, o Arraes não era quem comandava os jagunços, mas ajudou a criar o clima social que permitiu isso e com a coincidência infeliz do golpe permitiu aquilo que vimos, ou seja, um juiz honesto

que tentava fazer o seu trabalho é marginalizado por uma estrutura e preso assim por diante.

Eu quero então render a minha homenagem modesta à personalidade de Paulinho Jeremias, aos seus três companheiros que me parece talvez existam, não sei o que ocorreu com eles, que era um grupinho que servia juntado ao PORT e agradecer ao convite a falar que foi muito inesperado, eu estou falando absolutamente sem preparo, eu não tinha a mínima ideia que eu iria falar antes ver o meu nome aqui. Muito obrigado (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Então o companheiro Gallindo, Felipe Gallindo que fez a tese, é um grande estudioso de Pernambuco o nosso querido Felipe Gallindo que veio aqui para contribuir com a nossa Audiência.

O SR. FELIPE GALLINDO – Muito boa tarde a todos e a todas, é uma satisfação estar presente nessa Sessão histórica da Comissão da Verdade de São Paulo, Comissão Rubens Paiva. Agradeço ao convite, ao deputado Adriano Diogo e aos esforços de todos os membros da Comissão Estadual e da Comissão Nacional que tornaram possível a realização desse evento.

É uma emoção muito grande, aqui não se trata só do historiador e do pesquisador social, se trata também de alguém que está integrado à luta da preservação da memória histórica da classe trabalhadora brasileira, da história das esquerdas brasileiras, particularmente da história do trotskismo no Brasil e em Pernambuco.

Então vai ser um relato histórico, mas também um relato eivado de emoções inclusive por estar presente a família de Jeremias, a família do Paulo Roberto Pinto. É um relato que eu quero colocar principalmente no campo da discussão da memória e da história.

A pesquisa que possibilitou a publicação do livro que foi resultado de uma dissertação de mestrado no departamento de história da Universidade Federal de Pernambuco, defendida e aprovada em agosto de 2010, foi resultado de uma pesquisa de

dez anos. Uma pesquisa que não foi só minha, foi uma pesquisa também da minha família. Quando entrava nos engenhos, quando ia para Itambé, ia com a minha companheira Lucione que está presente, com meu filho Ícaro, com meu irmão, com meus sobrinhos e nós adentrávamos nos engenhos, nós adentrávamos a cidade de Itambé, nós adentrávamos o passado, um passado muito difícil de ser recuperado.

Essa é a dimensão da memória que é importante recuperar porque essa dimensão da memória no caso de Itambé foi uma memória onde se tentou a todo custo apagar o nome de Jeremias, o nome de guerra de Paulo Roberto Pinto da memória coletiva de uma comunidade. Chegou-se a ser proibido que as crianças fossem batizadas de “Jeremias” durante muitos anos depois do assassinato dele e depois da eclosão do golpe empresarial militar de primeiro de abril de 1964.

Essa memória para ser recuperada, ela foi mais ou menos como se fosse arrancada das entranhas da história. Eu posso falar particularmente porque foi um caso muito peculiar pesquisar sobre trotskismo e pesquisar sobre Jeremias no estado de Pernambuco, foi mexer com a onça com vara curta, um estado onde até hoje o governo de Miguel Arraes que teve legítima participação no avanço das forças sociais populares brasileiras, mas também um governo carregado de contradições ainda permanece como mito.

Falar de Jeremias, falar do primeiro preso político do governo Arraes, falar dos outros companheiros do Partido Operário Revolucionário Trotskista que depois também foram presos é uma situação muito difícil.

Essa Comissão da Verdade de São Paulo tem um retrato histórico porque é uma audiência bem diferente da audiência do ano passado que aconteceu na Comissão da Verdade Dom Helder Câmara em Pernambuco. Lá o assunto não foi tratado de uma forma pública com a visibilidade que está tendo porque justamente se mexe no mito, porque se mexe na questão das contradições e delimitações das frentes populares.

Então esse universo de memória, ele também entra na questão da história, desses registros factuais, desses registros documentais que mostram outro lado da história. Essa memória da família de Jeremias também está presente de uma forma muito forte porque em dezembro de 2010 eu visitei a casa da filha de dona Lélia e foi recuperada também essa dimensão da memória dos familiares.

Aparece muitas vezes que os militantes são seres feitos de aço, que são totalmente resistentes e por aí vai. Também se mitifica a atuação dos militantes, mas eu procurei recuperar e também está presente no livro a dimensão familiar da história do Paulo Roberto Pinto que virou Jeremias. Também foi outra dimensão da memória trabalhada e resgatada nessa história, dos irmãos que perderam o Paulinho para a luta social e o Jeremias foi conquistado para a história do Brasil.

Então a dimensão da memória dos moradores de Itambé foi preciso todo um trabalho de aproximação de anos para se conseguir conquistar a confiança desses trabalhadores porque até recentemente era muito difícil falar de Jeremias lá.

Para se ter uma ideia da permanência das elites no caso de Itambé, o atual prefeito de Itambé é um Borba, ele é parente dos mandantes do assassinato de Jeremias há 50 anos e está no partido do atual governo do estado de Pernambuco. Para se conseguir adentrar os engenhos foi um trabalho muito difícil e de conquistar a confiança.

Para se conseguir chegar à família do Paulinho, do Paulo Roberto também foi um trabalho de anos que contou com a participação ativa aqui de pessoas como Franco Farinazzo, Regina, Murilo, professor Tullo para conseguir entrar em contato com a família de Jeremias e recuperar essa outra dimensão de memória que é a dimensão de memória do Paulinho que também está presente na construção dessa história.

Essa é uma história da memória do Jeremias, da memória do trotskismo, que ela tem um contexto bastante específico, o Murilo iniciou essa parte de uma forma geral e eu queria pontuar. A importância do trabalho dos trotskistas naquele período em Pernambuco se dava em um contexto histórico muito específico, que contexto era esse? O rompimento de relações diplomáticas dos Estados Unidos com Cuba quando em 1961 ela se declarou caráter socialista dessa regulação e os Estados Unidos deixaram de comprar as canas de açúcar em Cuba e passaram a comprar de onde? Do nordeste brasileiro.

Então isso provocou um aumento da exploração dos trabalhadores rurais no nordeste por quê? Eles moravam como meeiros, foreiros e moradores em condições dos latifúndios, eles ainda tinham algum acesso à terra. A partir desse processo internacional que teve o rescaldo aqui no nordeste brasileiro, começou a expulsão desses moradores.

Isso é paradigmático no caso de João Pedro Teixeira assassinado em 1962, o líder da maior liga camponesa do Brasil, a liga camponesa de Sapé, imortalizado no documentário “Um Cabra Marcado Para Morrer”.

Então esse processo de expulsão dos camponeses, dos moradores em condição, a proletarização desses moradores, eles trabalharam, começaram a trabalhar como assalariados, isso tudo em um contexto muito específico porque também ainda tinha a questão da Frente Popular a nível nacional.

João Goulart quando assume em 1961 e aí é sintomático, quem está aqui no Auditório Franco Montoro, Franco Montoro era ministro da agricultura de João Goulart e é justamente nesse período que um salto de organização dos trabalhadores rurais explode em todo o Brasil. Até o início de 1961 nós tínhamos apenas cinco sindicatos dos trabalhadores rurais reconhecidos pelo Ministério do Trabalho. Com o Montoro à frente do ministério no governo Jango, esse número se multiplica para mais de cem no final de 1964.

Então o sindicalismo rural está em um processo crescente no Brasil, só mesmo tempo em que as ligas camponesas fazem as resistências à expulsão da terra. É justamente nesse contexto que o Partido Operário Revolucionário Trotskista e no caso de Jeremias, ele vai ser deslocado daqui de São Paulo para Pernambuco para fazer a atuação dentro desse contexto histórico específico e vai chegar a um local onde existia uma ebulição política, uma efervescência política muito grande que é justamente a questão da frente do Recife que o então candidato em 1962 era o Miguel Arraes vai ganhar por pouca margem de votos em 1962 e assume em janeiro de 1963.

Mais ou menos nesse período acontece o quê? O plebiscito que João Goulart retoma os poderes presidenciais no início de 1963 e em 1963, no mês de março, a decretação do estatuto do trabalhador rural, o que Caio Prado Jr. falava como a segunda Lei Áurea do Brasil, a complementação da Lei Áurea do Brasil, quando os direitos trabalhistas da era Vargas que era apenas dos trabalhadores urbanos vão para os trabalhadores do campo.

Então Jeremias, ele chegou no olho do furacão e a atuação daquele pequeno grupo, isso o trabalho histórico ajuda a recuperar, como a atuação de um pequeno grupo que estava se deslocando daqui de São Paulo para o nordeste, que ainda tinha uma visão

não tão próxima da realidade, quando a gente pega o Programa Operário Para o Nordeste do PORT no final de 1961, começo de 1962 e vai vendo a evolução das propostas dos trotskistas já vivenciando o contexto em Pernambuco, a gente vai vendo que vai tendo uma adaptação e algo mais próximo da realidade até o golpe de 1964.

Eles chegam ao olho do furacão e esse trabalho de Jeremias e dos trotskistas, ele ajuda a revelar um outro lado da história, é mais ou menos algo que eu coloco em minha dissertação que está no livro, é como falava Walter Benjamin, “estudar história a contrapelo”. No caso a contrapelo mesmo.

Quando se fala em Pernambuco e essa é uma realidade bem diferente aqui de São Paulo, quando a gente fala de esquerda em Pernambuco existem alguns nomes; Miguel Arraes de Alencar, Gregório Bezerra e Francisco Julião. Parecia que acabava a esquerda, não tinha mais esquerda no estado de Pernambuco, ou seja, era o governo da Frente Popular de Arraes e o Partido Comunista legitimamente representantes e claro, de vários projetos de transformação política, não discuto isso.

Mas esse trabalho ajudou mostrar o quê? Que existiam outros projetos de esquerda, outros projetos revolucionários de transformação social em um contexto bastante conturbado que é um contexto de pré-golpe, é um contexto pré-revolucionário.

As propostas dos trotskistas, elas não batiam de frente, no caso de Jeremias e depois é preciso citar também os outros militantes que continuaram o trabalho dele após o seu assassinato em agosto de 1963, um deles está à mesa que é o Cláudio Cavalcanti, o saudoso Aybirê Ferreira de Sá, que está representado pela companheira Lenise e o Carlos Montarroyos que não pode vir do Rio de Janeiro, também foram presos políticos em outubro de 1963, no governo Arraes, enquadrados na lei de segurança nacional.

Então essa história mesmo sendo de um grupo pequeno numericamente, ela ajuda a compreender as limitações, as contradições de um período particularmente efervescente, particularmente avançado em Pernambuco porque para os latifundiários pagar direitos trabalhistas era algo impensável.

Os trabalhadores rurais, os camponeses, eles eram vistos como parte da paisagem natural, do mesmo jeito que tinha a vaca, tinha o boi, tinha o burro, tinha o

riacho que movia a moenda do engenho e tinha o trabalhador rural, era a mesma coisa, era a mesma posse.

Quando foi feito lá no ano passado uma série de reportagens no “Jornal do Comércio” lá em Recife, três reportagens seguidas sobre o cinquentenário da morte de Jeremias e que retratavam também o ato político que foi feito no município de Itambé dos 50 anos da morte de Jeremias. Isso chamou tanta atenção que o próprio juiz entrou em contato através de sua filha a dona Célia Sobreira e eu fiz a entrevista com ele e essa entrevista, essa repercussão do caso Jeremias, ela foi tão grande que esse Dr. Edgar Sobreira já havia entrado em contato com a Comissão da Verdade de Pernambuco anteriormente, mas ela não havia dado espaço, ela foi obrigada a dar espaço, assim como a Comissão da Verdade de Pernambuco também foi obrigada a dar espaço a uma fala de dona Lélia lá, uma fala em uma sessão secreta, diga-se de passagem porque não houve a permissão da entrada da imprensa na sessão referente ao caso Jeremias em Pernambuco.

E lá foi colocado que o caso já estava mais do que esclarecido e não havia necessidade de fazer uma nova investigação e que simplesmente o caso Jeremias ia entrar como mais um dado estatístico no relatório sobre a violência no campo. Então em Pernambuco houve todo um cerceamento da possibilidade de investigação que trata também das questões das relações políticas do governo Arraes.

Quando a gente coloca a prisão do juiz Dr. Edgar Sobreira, é preciso falar que a esposa do vice-governador de Miguel Arraes, o Paulo Guerra que era o maior pecuarista do Brasil na época, era a dona Virginia Borba, Borba, José Borba, ela era sobrinha do mandante do assassinato de Jeremias.

Então o caso Jeremias não só revela as contradições do governo Arraes, as contradições do governo popular, mas também revela como essas relações perduraram e atravessaram o período da democracia populista até 1964 e adentraram no período do regime militar.

O Dr. Edgar Sobreira que eu tive a honra de conhecê-lo em Pernambuco e entrevistá-lo, no depoimento dele ele fala que foram 54 dias preso sem acusação formal, que era o tempo necessário de se colocar outro juiz à frente da comarca de Itambé,

arquivar o processo e absolver todos os 21 citados e depois ele estava livre. Isso parece uma prática já, esse caso Jeremias ele trás de certa forma alguns pioneirismos.

O próprio caráter de entrega de Jeremias e dessa geração de militantes antes do golpe parece um prenúncio daqueles militantes que dedicaram a sua vida e, morreram alguns por isso, à luta armada durante o período da ditadura militar e a perseguição àqueles juízes e àqueles advogados que quiseram simplesmente cumprir o seu ofício e trabalhar com honestidade investigando os casos necessários.

O Dr. Sobreira passou 54 dias preso, o promotor que fez a denúncia, que conduziu as investigações iniciais no inquérito ainda no governo Arraes foi exonerado e acusado pelos Borbas de subversão caluniosa. Ele passou 14 anos respondendo um processo sendo acusado pela família Borba e perdeu o cargo de promotor público. Para não enlouquecer, eu entrevistei a viúva dele e o filho, ele passou a fazer artes plásticas e prestava uma assessoria a algumas empresas.

Então como esse caso Jeremias é paradigmático não pela, vamos dizer assim, importância quantitativa, a quantidade de militantes que fora regimentados, mas como ele ajudou e ajuda a desvendar várias esferas, seja da memória, da memória da família, da memória da população de Itambé e aqui outro caso interessante também, o caso Jeremias ele, desde que começou a ser trabalhado em Pernambuco, também recuperou de certa forma e que eu falo com Martinho, com Cláudio, com Lenise, a dimensão da memória dos antigos militantes.

Aquela geração pré-1964 que foi perseguida, foram presos Aybirê, Cláudio e Montarroyos e o próprio Jeremias e depois continuaram militando e continuaram sofrendo perseguições, isso também passou a ser recuperado porque a repressão de classe e a repressão estatal, ela foi uma marca histórica do governo brasileiro, da estrutura social brasileira, ela não começou no golpe, ela passou a ser refinada e aprofundada no período da ditadura empresarial militar em 1964-1985, mas ela já era existente e ajuda a recuperar essa dimensão da memória, a repressão veio antes e a repressão não veio só da classe empresarial, da classe dos latifundiários, a repressão vinha dos próprios governos de esquerda.

Então essa questão, ela é importante de ser recuperada, é importante ser trabalhada, é aquela história marginal que um pequeno elemento ajuda a desvendar

outros e falando para finalizar, abrindo também o espaço depois para debate, como a história de Jeremias e de outros militantes, ela ajuda a verificar uma coisa muito importante que às vezes passa despercebida e a gente só olha o passado com os olhos do presente. É a importância de conhecer, de desvendar e articular esse passado com o presente está justamente nos dias de hoje. A nossa democracia, os limites estruturais da nossa democracia eles devem ser compreendidos a partir de quê? A partir da derrota histórica de 1964, mas também a partir da ausência dessas pessoas, dessa geração. Entender a democracia de hoje com as suas imperfeições, com violência policial, com casos de corrupção, com todas as bandeiras de lutas que estão aí nas ruas desde a jornada de junho, ajuda a entender porque como fazem falta um Paulo Roberto Pinto, Jeremias, como faz falta um Marighella, um Carlos Lamarca, Iara Iavelberg, como fazem falta os militantes homens e mulheres, jovens e mais idosos que foram trucidados no período da ditadura, como esse pessoal faz falta na história do Brasil.

Entender a nossa história de hoje é como prender essa lacuna gerada pela repressão de classe e pela repressão estatal. Então essa dimensão histórica Jeremias tem. Entender porque os caminhos foram feitos em determinadas formas porque muitas vezes as forças reacionárias e conservadoras, elas determinaram que rumos foram tomados foi porque esses companheiros tomaram e a democracia, que nós estamos construindo a cada dia, sente falta deles.

Falar dessa história, recuperar essa história mesmo que a gente mexa com os mitos, em Pernambuco isso é muito forte, vocês não têm dimensão como isso é forte em Pernambuco. Para ter uma ideia, três professores da Universidade Federal de Pernambuco recusaram a serem meus orientadores nesse caso. Só a partir do quarto professor que no caso é a minha orientadora atualmente, no doutorado também Universidade Federal de Pernambuco, a quem eu devo uma amizade muito grande que é a professora Maria do Socorro de Abreu e Lima que aceitou pegar essa discussão histórica e trabalhar esse caso de releitura porque desagradava até hoje muita gente falar de Jeremias, falar dos trotskistas em Pernambuco.

Então é uma dimensão histórica que atravessa o tempo e se desdobra em múltiplas dimensões e é incrível no meu caso que já estou em outra pesquisa histórica, a atuação dos advogados dos presos políticos em Pernambuco durante a ditadura e como o caso Jeremias ele retorna, ele volta, é uma dimensão que não se perde no tempo, que

atravessa o tempo e isso é muito bom, isso fala da história da classe trabalhadora, isso fala da luta pelo socialismo e isso aperfeiçoa a nossa democracia. Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Aquele segundo vídeo, pede para degravar o áudio para a gente ter aquele testemunhal. Gallindo, deixa eu te fazer uma pergunta, o Neto também vai querer fazer? Não, então vamos ouvir todas as falas e depois a gente vai para os detalhes. O Felipe trouxe o livro, está à disposição o livro aí da pesquisa do Felipe do caso Jeremias, qual é o livro? Mostra o livro, a capa do livro. É esse aqui.

O SR. FELIPE GALLINDO – É que justamente esse livro que foi feito pela editora da Universidade Federal de Pernambuco, como é uma edição limitada o preço ficou um pouco alto, é 50 reais.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Está bom, o livro está à disposição. Vamos lá, a próxima agora é a Lélia, irmã do Jeremias. A companheira Lélia Pinto, irmã do Jeremias.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO - Boa tarde para todos, vou tratá-los de senhores que é a melhor forma, mas.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Normal, fique tranquila.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Lélia Maria Pinto, irmã de Paulo Roberto Pinto, assim como o meu irmão Wilson Fiel Pinto e o Edson Cleber Pinto. Wilson, os dois irmãos e eu atualmente vivos porque os outros já faleceram. Hoje eu achei que era

apenas uma homenagem para ele, eu estava em dúvida, então teve assim, o que eu vou fazer aqui? Aí falaram e prestaram essa homenagem, eu agradeço muito, a família agradece muito do fundo do coração e estou satisfeita, o pessoal me acolheu tão bem lá em Recife, a Lucione, esse amor de pessoa, Danilo, essa pessoa maravilhosa que é para nós da família e principalmente para mim, entendeu? É uma luz que apareceu na minha vida e conseqüentemente na minha família e deu um reboiço muito grande na época.

Depois de 47 anos que esse irmão havia desaparecido, depois de 47 anos que nós sofremos esse golpe com a morte dele, do meu irmão Paulo Roberto Pinto. A minha mãe, na época, não quis que nunca mais tornássemos a falar sobre o assunto pelo que aconteceu. Uma pessoa que não usa arma, que está apenas ligado no sentido de amor ao próximo, de entendimento, que tinha a veia política que estava nele, mesmo porque e já foi falado aqui que a nossa família prosseguisse no Partido Comunista Brasileiro.

Os meus pais eram comunistas, logicamente os filhos pegam o exemplo. O meu pai também já foi inclusive em Mogi das Cruzes, ele era uma pessoa assim bem conceituada na época com trabalho e tudo, mas foi uma pessoa bem conceituada, mas era vermelho conforme todo mundo comentava.

Depois foi adquirindo mais assim, poder aquisitivo, *ininteligível* e tudo mais e então ele foi modificando de operário para uma pessoa assim da burguesia, em um modo de dizer, do outro lado. Nós éramos seis, seis filhos, cinco homens e eu de mulher e o que aconteceu? Todos nós ouvíamos todas essas conversas de partido, livros, nós vivemos nessa situação inclusive na época de várias pessoas fazerem em casa aquelas mesas enormes para poder discutir a política.

Então nós éramos não só, faziam assim mesmo de partido e tudo mais como comunistas mesmo. Desses seis irmãos, o meu pai também era bem assim machista, você não vai trabalhar, não vai porque eu sou homem para cuidar da minha filha, mas os demais todos trabalhando, os meus irmãos.

O Paulinho, ele era à parte, ele era uma pessoa à parte entendeu? O Wilson que é o mais velho, com seis irmãos, uma situação difícil e tudo mais então ele tinha até o apelido de “Camelão”. Ele nem estudou, era só até o primário e pronto e todos trabalhando e trabalhando. O meu pai era operário gráfico desde novinho, desde moço e

com tantos filhos e tudo mais então a nossa família era uma família assim bem sofrida na realidade para poder criar os filhos, fazer a sua família e tudo mais.

Mas também por trás há política, tanto é que o meu irmão, o mais novo que o Edson recebeu o nome de Luís Carlos por quê? Luís Carlos Prestes era do Partido Comunista, então pôs o nome do meu irmão de Luís Carlos em homenagem a Luís Carlos Prestes.

Então isso era como se fosse almoço e janta na política em Mogi das Cruzes na pessoa do mau pai Sebastião Pinto de Santana. Tinha um advogado em Mogi, o Dr. Jair Batalha, ele era o advogado, nós estávamos em uma situação um pouco melhor no comércio, então qualquer coisa ali o Dr. Jair Batalha corria para poder defender, ir para a polícia, alguma coisa assim.

No meio de todo esse tumulto foi melhorando, meu pai tinha um laticínio, depois tinha mais o balcão de queijo na feira. Então como ele era tipógrafo, quando ele saiu da gráfica ele teve a indenização, uma coisa assim e então montou uma gráfica em Mogi das Cruzes e nós participávamos, era o tempo em que os filhos *ininteligível* por exemplo, ele era uma pessoa assim, apesar de não ter um estudo, aquele estudo acadêmico, ele era uma pessoa superinteligente, político e um pouco também de, ele fazia parte, por exemplo, em Taubaté, nos finais de semana, como ator, por exemplo, “O Céu Uniu Dois Corações”, ele e a minha mãe trabalhavam e faziam para poder ganhar cachê, entendeu?

Então eles eram batalhadores mesmo e em Mogi das Cruzes, conforme ele estava falando, foram crescendo todos os filhos ali no queijo, meu pai falava: a casa nós construímos, os tijolos eram queijo prato, o reboque seria a manteiga, porque nós tínhamos que levantar as duas, três horas da manhã, a hora que chegava um caminhão de Minas e todos os filhos lavando os queijos, fazendo uma coisa, fazendo outra e o Wilson levando até quase São Paulo aquelas bolsas para vender.

Então ele era apelidado de “O Camelão”, era camelão mesmo, de tanto que esse moço trabalhou. Tinha cinco irmãos em casa, o pai e a mãe e então foi bem penosa na realidade, mas tudo bem. E fomos e fomos e quando chegou, melhorou um pouco a situação o que ele fez? Ele comprou, ele era muito destemido e muito trabalhador, o meu pai, comprou o primeiro maquinário e fez então uma tipografia, uma gráfica.

Então eu lembro que à noite, por exemplo, ele falava assim, a minha mãe falava: “Põem o nome de São Jorge”, o outro põe o nome tal. Aí ele pegou, levantou e falou assim, ele era bem alto, ele falou assim; “Não, a terra é a gente que consegue ter a nossa casa, o nosso teto”, e foi lá que a gente comprou a primeira casa para nós e a terra nos dá, por exemplo, mais conforto pelo menos de uma casa, ali é a nossa terra natal, então vai ser “Tipografia Mogi”. Então essa tipografia nasceu com esse nome, “Tipografia Mogi”, entendeu?

Então essa gráfica, como ele era gráfico, então os filhos e tudo mais e o meu dia de ir ao mercado, por exemplo, para ficar na banca de queijo era de sábado e domingo para dar folga para o Wilson e ele gostava de jogar bola também para descansá-lo um pouco, então ficava sábado e domingo também no mercado e tinha a banca de queijo e tinha a feira e tudo isso e foi crescendo, foram passando os anos.

Quando ele ficou e daí os queijos, dos queijos ele comprou um laticínio, já aumentou o poder aquisitivo da família, era um laticínio. Então com o queijo e o de Minas para Mogi das Cruzes ele era o “Rei do Queijo”. Então até 15 de novembro esse meu irmão punha aqueles queijos brancos na bolsa e ia a todos os bares.

Então a gente passava para o comércio, para os bares os queijos, então ele foi crescendo monetariamente, conhecido e tudo mais e os meus irmãos assim, trabalhando. Quando chegou, por exemplo, o Paulinho, ele ficou no domingo, ele tinha uma caixa de sapatos, o Edson pegou essa época também na estação, engraxava os sapatos, usavam os homens engraxar os sapatos, então trabalhamos mesmo, entendeu?

Foi passando o tempo e tudo mais, nós éramos seis, seis irmãos, o Paulinho foi crescendo estudioso, sempre foi muito estudioso, mas ele era diferente, a gente analisa depois, não é? Diferente mesmo, viu, mas estudioso, mesmo com o asseio todos, imagine cinco irmãos e eu era a irmã então o que tinha de meia e tinha de sapato trocado, era aquele rebu, o dele não, ele ia para o banheiro, ali tirava a peça de baixo, ele pegava o lenço, ele lavava essas peças e punha no varal.

Então ele era diferente em todos os sentidos, mas nós não percebíamos isso e ele foi trabalhar na gráfica como bloquista na seção de acabamento e o meu pai com tanta coisa para fazer, por exemplo, nos balcões, no laticínio e também na gráfica, eu acredito que na Rua Padre João, 284 a gráfica era bem comprida, pois tem até foto quando eles

foram lá, é bem comprida assim e foi adquirindo máquinas e trabalhando, e trabalhando e o que ele foi notando?

Que, por exemplo, como ele já tinha isso de ideias políticas, o que aconteceu? Ele foi comparando aquele pai que falava que quem tem igualdade tinha que receber isso, receber aquilo, a igualdade mais principalmente na parte econômica. Então ele foi fuçando, como é que se fala? Esmiuçando o que tinha de errado ali para os colegas, tanto é que no livro tem aqui colegas dele que é o Nico, por exemplo, que está aqui e ele diferente.

Ele continuou estudando, ele fez por onde, “eu quero estudar”. Então ele fazia parte da fanfarra também do Liceu Braz Cubas de Mogi das Cruzes enquanto rodos pararam porque tinha que trabalhar, ele estudava e lá na firma ele foi notando e não tinha, por exemplo, isso da cabeça dele, teria que ter a divisão dos lucros, olha que cabeça adiantada em 1963. Então como ele era filho, ele compartilhava de entrada, de saída e tudo mais e ele foi fazendo as contas dele e começou a querer a exigir do meu pai que dividisse os lucros com os funcionários, deveriam ser uns oito, nove ou dez, ou coisa assim e lógico que ele falou que não tinha cabimento. E o que aconteceu?

Ele foi criando caso, à noite discutiam e eu estava sempre presente, discutiam e tem que pagar isso, e tem que pagar aquilo e meu pai uma, como pai, então ele tinha que obedecer e começou haver atritos em casa e o Paulinho era a favor dos colegas.

Quando, e aí o que ele fez? Ele pegou todos os colegas da gráfica, do serviço e exigiu que todos eles parassem o serviço se o meu pai não aceitasse o que seriam as leis. O meu pai achou um absurdo aquilo e os colegas, ele provando que teriam os direitos com os próprios colegas, aderiram às ideias do Paulinho e o que aconteceu?

Uma firma é Tipografia Mogi, ela tinha que ter as responsabilidades e tudo mais e meu pai achou o cúmulo aquilo. Resultado, ninguém voltou para o serviço, tinha as responsabilidades, notas fiscais principalmente e ele enfrentou o meu pai, fechou e ficou aquela... como ele vai pegar profissionais específicos para as máquinas da noite para o dia? Então foi aquele rebu na família em todo mundo e ninguém falou que voltaria se ele não voltasse a palavra.

A minha mãe pedindo por causa do filho e toda aquela confusão, todo mundo pedindo para o meu pai voltar atrás, resultado; foram conversar com o meu pai, meu pai, aliás, meu pai falou que se eles fossem conversar com ele. Foram conversar com ele e sabe o que meu pai falou? “Pelo atrevimento de você, Paulinho, que é meu filho, colocá-los contra o seu pai, todos eles podem voltar ao serviço, não desconto nada, mas você não e também não fica mais em minha casa.”

Aí o rebu piorou, por que o que aconteceu? Eles, solidários, já tinham e eram mais conscientizados das leis, eram mais estudados e tudo, falaram não, se o senhor não aceitar o Paulinho, nós também não voltamos. E foi aquele rebu porque meu Deus do céu, o próprio filho fez aquilo e aí o meu pai ficou sem saber o que fazer e deu aquele rebu enorme e enfim, ele saiu de casa e ele comentou para a minha mãe, se for atrás dele, por exemplo, e nós pedimos para que o Paulinho voltasse e ele falou não, quem sair daqui, por exemplo, para ajudá-lo, ele estava com outra mentalidade, também pode ficar com ele.

A minha mãe tinha mais cinco filhos entendeu? Então resultado, ele saiu de lá, os moços não voltaram e como eles receberam os direitos deles, eram todos registrados, eles abriram perto da Mirela um quartinho e eles faziam três turnos, eram três, um de manhã, de tarde e de madrugada e eles abriram a Nossa Senhora da Glória. Abriam uma gráfica assim, tudo direitinho e meu pai teve que começar a pegar um aqui, um ali para poder suprir novamente o quadro da firma.

O meu irmão na época, ele ficou, isso foi em 1958? Porque na realidade, pois pelos livros que eu li, eu marquei uma síntese aqui desde os 16 anos ele era contra as ideias de qualquer coisa de política, entendeu? E ele ficou sem eira e nem beira, ele sem emprego, sem a casa, sem ter como sobreviver.

Então, na época, esses amigos dele e eu considero como se fossem irmãos, o Zezinho, o Nico, o Bueno. O Zezinho havia se casado fazia um mês ou dois e soube que o Paulinho estava sem saber para onde ir, onde está o Paulinho? Procurou e falou assim; “Estou em lua de mel, mas você pode ficar na minha casa com a minha chave e você almoça e janta na minha casa até você conseguir uma coisa para sobrevivência.”

E ele ficou na casa do Zezinho e de madrugada ele já saía, cinco ou seis horas da manhã ele já saía porque ele abriu o sindicato dos gráficos e ele, abriu não, como é que

chama? Fundou. Ele fundou o sindicato, mais ainda, ele fundou o sindicato dos gráficos de Mogi das Cruzes até Calmon Viana. Quando ele saiu de lá ele teria que trabalhar para se sustentar.

Hoje eu analiso, ele foi uma pessoa muito abençoada da inteligência e tudo mais, na época não tinha nem informática, ele entrou na Papel Celulose lá de Suzano como calculista, deram emprego para ele como calculista e ele ficou lá.

Mas depois de muito tempo a gente analisa para ver por que ele foi lá? Era uma firma enorme, não sei se é multinacional a Papel e Celulose e ele foi para lá e ele ficou dois, três, quatro, cinco meses, ele observava como funcionava e estava o Paulinho no almoço passando panfletos. Então o que eu analiso? A prática ele tinha no acabamento, os amigos que ele tinha, um imprimia, outro fazia a chapa e tudo mais e continuavam tão amigos ou até mais, entendeu?

Então ele tinha a liberdade também de passar panfletos e isso e aquilo entendeu? Então ele trabalhou na Celulose de Suzano, depois de lá, o que acontecia? Quando ele estava com aquela revolução dentro da firma, o que acontecia? Meu pai era chamado por quê? O Paulinho foi preso, preso em Suzano porque estava em cima de uma cadeira fazendo contra os donos.

Aí ele foi para a Mineração Geral do Brasil, foi para a Mineração e a mesma coisa, dois, três, quatro, cinco, seis meses o Paulinho ia preso. O meu pai, aí o coração de pai, "Dr. Jair Batalha o Paulinho", o Dr. Jair Batalha também era comunista na época e hoje é pai, já faleceu, de dois delegados e juiz também lá de Mogi, o Marcos e mais outro irmão e já ia o Dr. Jair Batalha, pegava o meu pai e iam para a delegacia para soltar o Paulinho e assim foram muitas vezes, entendeu?

Quando chegou em 1958, eu estive fazendo as contas, a vida política dele atuante mesmo, vinha vindo crescendo a cada dia. Então tenho certeza agora pelos livros, eu fiz uma análise através dos livros que me foram dados, são oito ao todo, então eu fiquei analisando direitinho, foi de uns 16 anos mais ou menos que ele começou atuando entendeu? Ou como assim, estudando, atuando e estudando.

Aí ele fez no Liceu Braz Cubas, o Percy, esse é um ícone no sentido de educação de Mogi das Cruzes, juízes, doutores e tudo mais, o Percy, aquela escola tradicional e

ele era professor de sociologia, professor de tantos cursos entendeu? Então o Paulinho estudou com ele, o Paulinho fez o clássico que seria o científico anterior, era o científico ao invés de colegial e esse professor, por exemplo, embora em barreiras diferentes porque ele era reacionário, então o Paulinho o tratava como “Reação” e ele sempre viu o Paulinho como um guerrilheiro.

Por isso que ele fez esse livro em 2002 que eu até nem sabia nada disso, “O Meu Guerrilheiro Favorito”, ele ficou com o Paulinho na cabeça entendeu? Porque eles ficavam na classe, por exemplo, do científico discutindo política, idealismo, reforma, sociedade, igualdade e assim, tudo baseado gente e não é em blá blá blá.

Ele lia, eu sei por que nós éramos seis, era um quarto corrido e eu tinha um quarto do lado assim, ele andava de um lado para o outro e falava assim; “Certo, certo, certo.” Eu não entendia o que era aquilo, entendeu? Ele lia Marx, ele lia Lenin, todas essas coisas, ele sabia todas essas coisas, todas essas coisas ele sabia.

E depois eu vinha saber dessas coisas do Percy também e eles discutiam na Praça do Rosário lá quando saiam da escola eles continuavam e quem ler esse livro vai entender o que eu estou falando, continuavam a conversa do sistema político, mas não só aqui do Brasil, isto era baseado na Rússia, por exemplo, na época Cuba, Che Guevara.

Então tudo isso estava borbulhando na cabeça desses idealistas acho que de coração ou alguma coisa assim e o Percy gostava de conversar com ele e fala no livro. Eu e mais meus amigos professores, nós tínhamos assim, que estudar mais para poder, como dialogar com esse moço. Porque ele sempre estava assim, por dentro da situação e ele ficava até uma, duas horas da manhã lendo, lendo não, discutindo política, então isso já estava no sangue dele e ele admirava.

Como esse senhor falou, que embora estejam em fronteiras diferentes, terminavam conversando, vamos alí, vamos tomar um guaraná ou coisa assim e então tudo era na base da educação, entendeu? E muito antes que isso, nós já éramos seis e eu tinha um tio bem mais idoso e era muito coroinha assim, muito assim do Sagrado Coração e tudo mais e então o Paulinho era um pouco mais rebelde pelo lado da política e então um dia ele falou para a minha mãe assim; “Florença não se preocupe com o Paulinho, eu já conversei com o padre”, como chama o padre lá de Mogi, Wilson? Padre

Roque. “Eu conversei com o padre Roque e eu vou ver se o meu sobrinho”, ele queria que o Paulinho fosse coroinha, “Eu marquei com o padre Roque e nós vamos conversar com o Paulinho”. Para ele ficar mais ameno com a política porque ele era um garoto.

Foi com o padre Roque para conversar e depois a minha mãe perguntou para o meu tio e eu estava junto da minha mãe, era sempre pequenininha e eu sempre estava junto. “Então Zequinha, conseguiu?” Ele falou; “Olha, o padre Roque achou melhor a gente deixar a conversa para lá porque ele fez tanta pergunta para o padre Roque que o padre Roque achou melhor deixar para lá”.

Os argumentos que ele tinha superavam, ele tinha aquele carisma para falar, então ele se destacava. Aí resultado, depois disso tudo, ele ficou na casa dessa senhora, ele foi trabalhar em diversos locais e tudo mais e ele, em frente à gráfica tinha uma serralheria que eles tiveram a oportunidade, a primeira vez que eles foram lá, em Mogi, era uma serralheria enorme do seu Caíque? Como era mesmo.

O SR. – Carias.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – O seu Carias conhecendo a família e tudo mais, acho que ficou com dó, cedeu um cômodo para ele, um cômodo, um banheiro para ele dormir ali. Então à noite nós saímos, a minha mãe falava assim; “Vamos ao cinema?” pegava a minha mão e levava e meu pai ficava em casa, o radinho lá. A minha mãe arrumava uma desculpa. Hoje eu entendo, “Lélia”, então chegava ao quartinho, fica olhando a fechadura, entendeu?

O Paulinho e era tudo assim e o Edson na época também se revoltou e também saiu de casa e ficou um pouco com meu irmão, só que talvez ele não tivesse esse sangue de político e tudo mais, achou melhor, pois não sei se por N problemas, mas ele acabou voltando para casa, mas os dois, ele em uma forma de ajudar ao irmão foi para lá também e depois ele achou que não era aquilo que ele queria, inclusive eles faziam reuniões nesse quarto e acabou voltando para casa e o Paulinho ficou nesse cômodo.

Depois tem um livro aqui que eu até deixei aqui marcado, são oito livros ao todo. Fala, por exemplo, agora voltando um pouquinho, quando em 1960 mais ou menos, 1960, então ele deveria ter 20 anos. Tinha uma casa que morava a minha tia, ali perto do cemitério, e quando eu parei de estudar também eu falei para o meu pai que eu iria parar de estudar porque eu queria fazer datilografia, queria fazer corte e costura e eu queria aprender a fazer bolo, na minha cabeça.

Então como eu queria fazer a datilografia, eu lembro que eu tinha uma maquininha se eu não me engano era Remington ou alguma coisa assim, aquela que eu aprendi e nesta casa perto da minha tia e eu não sei o porquê essa maquininha deve ser a mesma maquininha que, olha eu estou juntando as coisas depois de 50 anos. A mesma maquininha que o promotor quando ele foi preso lá em Recife que o delegado falou: “Meu filho, você volta para casa”, ele bandalheiro ou alguma coisa e ele falou que tinha o endereço fixo que seria naquele hotel que o senhor mostrou. Qual era o nome?

O SR. – Holiday.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Holiday, isso. Ele ficou, até tratou o Paulinho com carinho; “Que o que, você é jovem, a sua mãe está preocupada, volta para a sua casa”, mas ele não disse que era trotskista, entendeu? Eu tenho o endereço no Holiday me parece, e vendia lápis, ele foi para lá, começou a trabalhar em uma gráfica não sei o porquê foi dispensado e tinha que sobreviver, então entrou em negócio que vendia lápis e vendendo os lápis ele fazia as propagandas de *ininteligível*, essas coisas lá em Itambé.

Então, o que tem de escrito no livro? Que nesse setor e aí o que esse promotor fez? Ele falou, um menino bonito, estudado e tudo mais, volte para casa, aconselhou ele. Pegou o carro de lá desse local que ele foi preso e levaram ele para conhecer o local para ver se era o endereço dele e está escrito em um dos livros que eu marquei aqui, que o que foi observado naquele cômodo com o Fabio Munhoz? Ele, o Fabio Munhoz e tinha mais um. O que constava neste quarto, por exemplo?

Em um canto umas roupas de cama, uma maquininha de escrever, eu tenho quase que certeza que é aquela maquininha dele que era minha e acabou ficando e entrando nisso tudo e o fogareiro. Então é de uma pobreza assim total lá em Recife isso daí e eu acreditei e eu acho que foi a primeira vez que ele foi para lá que foi em 1961, que ele foi para lá e ficou por alí e depois eu não sei se foi a primeira ou a segunda e depois o Fabio Munhoz voltou.

Mas eu quis dizer que a mesma maquininha que estava em Mogi, deve ser a mesma e deve ser também a mesma maquininha que na época que ele foi morto, porque tudo o que vocês me perguntarem e precisar de provas, gente, é só falar comigo e nada é por acaso. Desde a hora que nós ficamos sabendo que esse meu irmão foi morto e nós não acreditávamos em uma coisa dessas, um absurdo desse, mesmo porque ele era um ideal e ele não estava pondo lei, ele estava apenas elucidando os direitos, tudo, tudo eu tenho comigo guardado.

Então pensando nisso tudo, eu li todos os jornais da época e o que está escrito? Que lá a última carta de Jeremias para o partido aqui em São Paulo e ele está falando como está a situação dos camponeses, dos latifundiários e tudo mais. Então isso batidinho à máquina, fala da máquina, novamente da maquininha de escrever que sempre acompanhou o meu irmão.

Então ele tinha a maquininha, a escova de dente porque ele era muito lindo com os dentes perfeitos e a escova de dente e uma pastinha que estavam as leis alí dentro. Então nunca nós poderíamos imaginar que ele seria morto.

Aí, resultado, essa mesma maquininha, agora juntando tudo isso do pouco que eu li, porque eu sou professora primária, mas eu fui olhando, fui analisando tudo e mais esses oito livros, quando ele, voltando agora, quando ele ficou de Mogi até Calmon Viana que ele fundou o sindicato dos gráficos, foi aumentando o conhecimento, mas ele ainda estava no Partido Comunista Brasileiro.

Mas o que nós depois viemos, a saber? Que ele não queria mais o Partido Comunista Brasileiro porque era muito de falar, falar, falar e na hora de atitudes não tinha. Então ele se destacava nas ideias dele de uma revolução, alguma coisa nesse sentido e nesse sentido. Então o que eu analisei também? Tem um livro, depois desses oito livros que depois eu vou falar para os senhores, eu fui juntando, na época eu lia e

dobrava, lia e dobrava. Então eu andei fazendo assim uma pesquisa, mais ou menos do que eu pude pegar aliada a ele, então não tinham, eles não tinham dinheiro, eram poucos os trotskistas aqui no Brasil, entendeu?

E isso não é só aqui no Brasil, isso veio da Quarta Internacional que foi feita lá na França, eu li um pouco no geral também como funciona tudo isso, entendeu? Então essas ideias, por exemplo, de Tiradentes, aquelas coisas tudo foi passando ou ele já tinha esse conhecimento com ele.

E ele tinha também com ele essa síntese, essa capacidade de ver, por exemplo, como funciona uma revolução ou alguma coisa porque ele tinha das firmas, ele tinha da firma do meu pai também uma, ele era estudioso, estudioso e estudioso. Ele foi para o Exército em 1958, ele foi chamado para o Exército em Caçapava e nós morávamos em Mogi das Cruzes.

A primeira vez e isso foi bem antes, foi em 1958, 1959, 1960, ele saiu, ele estava em casa ainda o meu irmão. Ele pegou essa maquininha, essa abençoada e ele falou assim; “Meu Deus do céu, seu eu quero, em todo o lugar que eu for trabalhar, me mandam”, ele trabalhava na *ininteligível* parece, na IBAR, ele trabalhou na Geral do Brasil, ele trabalhou na Suzano Papéis, todas essas firmas, mas com esse objetivo depois para as pessoas pegarem os seus direitos.

Ele foi para o Exército e logicamente em ter a, de 15 em 15 dias podia voltar para casa, a primeira vez que ele tinha que ir para casa, ele não foi e aí foi um colega dele em casa e falou para o meu pai assim; “Mas cadê o Paulinho?”. “Eu estou vindo trazer um recado dele para o senhor que ele está preso”. E ele falou; “Como que no Exército ele está preso?” “Ele está preso porque ele conseguiu não sei quanto de panfleto”. Gente, lá de Caçapava. Ele pôs os funcionários, ele era tão inteligente que ele passou para cabo, deram insígnia. Ele passou para sargento, mas o comandante na época falou que seria um perigo dar uma insígnia para ele de sargento porque em caso de uma revolução ele poria todos contra o Exército. Então não deram para ele a insígnia de sargento.

Então entre cadeia e tudo mais ele fez o período dele lá. Voltou para casa, nessa época ele nem estava em casa ainda, de 18 anos. Depois disso daí o que eu li em outro livro? Que ele já deveria estar inserido no Partido Trotskismo, no partido que fala e vai

camisa aberta, veste a camisa da firma e vamos embora que precisa fazer alguma coisa. Foi isso acho que tinha na cabeça dele. Então ele deve ter encontrado como eu pude ver aí, outros colegas e eles queriam uma revolução. Gente, olha que pensar alto, uma revolução não só aqui no Brasil, assim no sentido quase que mundial e pelo que falava aqui, então não sei até qual era o pensamento dele.

Estudando, estudando aqueles livros e livros, o meu pai na época ficou sem o filho e logicamente o que ele fez quando veio do Exército? Ele marcou o dia do Luís Carlos Prestes em Mogi das Cruzes, ele já estava em casa, o que ele fez? Toda vez, eu vou em uma firma, que depois ele falou em casa que ele tinha sido preso, "eu vou na firma, ponho uma cadeia para falar dos direitos, não estou falando mal tratando, estou falando de direitos" e era preso, era sempre assim.

O que ele resolveu? Ele fez uma participação, ele bateu na maquininha, eu acredito que seja a mesma, uma participação para a delegacia de Mogi das Cruzes que ia ser feito o comício por causa de Luís Carlos Prestes na praça alí da Marisa, hoje Praça da Marisa e estava apenas participando a polícia para não ninguém falar e ele subiu em uma cadeira e fez.

Quando o delegado o deixou preso, ligou para o meu pai, o meu pai liga para o Dr. Jair Batalha, vão lá para cima, "O que eu faço com o seu filho?" Ele falou; "O senhor não se preocupe, eu vou levá-lo para casa e do quarto ele não sai". E tanto é que ele o levou para lá, ficou, ele dono tanto da gráfica quanto do laticínio, o meu pai permaneceu em casa por que ele era do tempo em que um fio de cabelo é um documento e ele tinha prometido para o delegado que poderia soltar na responsabilidade dele e o advogado também estava alí e meu irmão ficou naquele quarto, o meu quarto era o do fundo e o meu pai ficou lá.

No outro dia a cidade inteirinha pichada, mesma coisa, o Paulinho está preso, tudo bem, pichada, como se ele estivesse. Meu pai chegou e falou; "Não, ele não saiu de lá". Mas era tudo uma organização pequena no número de pessoas, porém tão grande de pessoas que estavam dispostas a fazer alguma coisa, a atitude que era tão bem organizada, o meu irmão ficou lá, eu lembro, ele estava com um livro enorme que era Marx, e eu falei; "Paulinho, o que é isso"? Ele falou; "Não é para você minha irmã". Então ele lia tudo aquilo.

Aí o resultado, então eram muitas pessoas fazendo isso e foi também diferente, depois eu fiquei sabendo nas faculdades, *ininteligível* e era uma época também que os jovens acham que podem reformar o mundo, é uma época assim, eles podem tudo e ele foi indo para esse sentido.

Aí quando foi, aí o que aconteceu?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Dona Lélia, vá concluindo.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Só mais um pedaço, é outra parte de família.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Não, nós vamos falar tudo de novo, vá concluindo, conclua e aí a gente passa a palavra para outro e depois a senhora faz o fechamento.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Tudo bem. Então, por exemplo, quando eu também lendo um pouco da época onde eu dobrei as folhas, esse, acho que era o “Última Hora” da época, a “Última Hora” que eu fiquei sabendo, meu Deus do céu, ele morreu assim, coitado. Olha que mente maravilhosa, eles acreditam por que tem no livro, eu não sei qual, não vou olhar agora aqui, a “Última Hora” estava escrito o seguinte, que tinham as cidades por onde eram distribuídos esse jornal.

Era mensalmente e depois quinzenal e depois semana e que tinha uma sede, eu até olhei, tinha o 28-B, não é 28-B, ou era ou, pois 28-B porque na frente da gráfica ou é 284 que é na frente da Tipografia Mogi, entendeu?

Então ele, ou ele ajudava a bater e tudo direitinho, então assim, repercutiu conforme o moço, não, foi ele que falou? Repercutiu as ideias dele muito altas entendeu? E isso foi disseminando e ajudando e tudo mais. Ele acabou depois indo para São Paulo o que eu na época, por exemplo, nós conversamos com ele o seguinte porque

meu irmão ficou na época quando foram em casa para poder pegar o depoimento de cada irmão, por exemplo, até o meu irmão mais novo e ele comentou na época e cobrou do partido, por quê? Será que eram todos tão jovens? Porque depois um moço tão, a maturidade dele um jovem de 21, 22 anos à frente de um local assim e o cangaço era em todos os lugares e deixá-lo lá, entendeu?

Deixá-lo, quer dizer que nós sempre cobramos isso e o seu Tullo na época foi a Mogi, por exemplo, ele também falou que de fato não poderia ter deixado uma pessoa tão assim arrojada e vamos fazer e tudo assim, desprotegido, de peito aberto como ele mesmo falava, “Eu não preciso de arma”. Ele falou para a minha mãe. “Mas Paulinho, nem Jesus deu certo, como você que é contra o regime, nem Jesus”. E ele falou; “Mamãe, se a senhora, se todos nós pensássemos como a senhora, talvez até hoje o Brasil seria uma colônia de Portugal”.

Então ele estava disposto a modificar e aí resultado, aconteceu tudo isso, eu não vou falar sobre a família porque já tem o primeiro depoimento que foi muito difícil para nós e ao mesmo tempo uma luzinha lá no fundo do túnel quando esse moço que iria encontrar a família e agora essa é a parte, não precisa falar para vocês a dor, o absurdo, por exemplo, que nós passamos com a morte desse irmão, que na realidade é só uma palavra, aqui quem tiver uma oportunidade de ler esse livro, de todos os livros que fala de meu irmão, estou encerrando Dr. Adriano.

Eu marquei aqui, não sei o porquê, mas o sexto sentido da mulher vale muito. Me deu uma vontade, deixa eu ver aqueles livros. Pus tudo em cima da minha cama.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Ajude-a aí, Felipe.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Já está aqui. Eu li, eu li não, eu sou professora, eu sou anti-política assim no sentido, mas agora eu já estou mais por dentro da situação. Olha, “Das Ligas Camponesas à Anistia”, é do esposo da Lenise, Aybirê de Sá. Isto, eu tenho esse livro e eu procurei depois assim, deixa eu ver um pouquinho meu irmão. Aí tem na página 177 falando do meu irmão e não é do Paulinho, do nosso Paulinho, do nosso irmãozinho não, é de um político assim enorme. Conforme eu fui

recepcionada eu falei, meu Deus, como ele era importante no sentido de amor ao próximo.

No livro “Trabalhadores das Sociedades Açucareiras”, esse livro aqui na página 121 tem um tanto assim gente, de folhas que falam da importância da mensagem dele.

(Inaudível)

É, isso. “Desarquivando a Ditadura, Memórias e a História da Resistência”, página 25, o primeiro capítulo inteirinho. Esse irmão, acho que dá para a sociedade, para a irmãzinha dele alegre entendeu, que ele não morreu em vão, não morreu em vão de tanta coisa linda que esse moço teve a capacidade de fazer, de contribuir.

O outro livro, “A Esquerda da Esquerda”, na página 198, porque precisam de provas, eu tenho tudo guardado, mas eu quis fazer isso aqui. Na página 198 tem a dúvida aí, aliás, não pode ter mais dúvida, da Rua Padre João 24 ou B, mas não é, é o 248 e 298 de Murilo Leal.

Então eu li e alí era o ponto de vender o quê? “A Última Hora”, que o Paulinho fazia *ininteligível*, hoje cheguei à conclusão, lá na esquininha, do lado e tinha os amigos que eram da gráfica também. Não preciso falar desse, do Percy, aquele professor. Olha aqui, “O Meu Guerrilheiro Favorito” é a coisa mais linda. Ele se refere à pessoa dele, fala aqui, ele se refere a uma estrela gente, a uma estrela e ao final ele fez também um apanhado nesse livro aqui, não é por dizer, mas esse livro eu demorei quase três meses porque eu olhava aqui e eu chorava.

Aí eu criei coragem porque falaram em fazer homenagem para ele e foi quando eu corri para ler, deixa-me ver o que tem aqui dentro e é maravilhoso esse livro. Então ele se refere, por exemplo, “Meu Guerrilheiro Favorito” porque quando eles terminavam aquela reunião na praça da igreja, então o Percy, o professor Percy disse que um dia era uma e meia da manhã e depois que saiam lá do ginásio com aula e tudo, continuavam nas questões políticas e idealistas e tudo mais e o Paulinho olhando para o céu assim perdido e o Percy, tinha mais dois colegas, ele falou, “Ué, como é que pode chamá-lo de

guerrilheiro, um guerrilheiro olhando para as estrelas como se fosse assim, um romântico, como você é guerrilheiro”?

Aí ele começou a olhar para as estrelas assim e fazendo as contas para poder chegar a uma estrela, entendeu? Aí o Percy sempre se referia a ele como uma estrela e na gráfica, por exemplo, essa gráfica e eu fiquei 20 anos lá para poder depois conseguir dar baixa na Tipografia Mogi, o slogan da nova firma eu tenho isso, eu tenho um cartãozinho, eu não sabia hoje esse tipo de comissão se não teria trazido isso, o slogan da gráfica é uma estrela, "Tipografia Mogi, arte, requinte e pontualidade".

Então essa estrela nos acompanha pelo menos no meu coração, essa estrela nos acompanha e o Percy fala dessa estrela, que é uma estrela que está lá no céu iluminando tudo mais.

Agora parando desse aqui do Percy, o que mais eu tenho? “Quarup”. Se alguém não teve a oportunidade, eu ganhei esse livro “Quarup” conforme ele tem também inserido nesse livro o Paulinho. Ele faz um apanhado do livro “Quarup”, o “Quarup” de Antônio Callado e eu também estou lendo bastante sobre ele.

Ele primeiramente um advogado, mas não a profissão dele, é jornalista, o que mais ele é? Escritor, jornalista e advogado e ele se preocupou tanto com a questão do Brasil que ele não poderia deixar de lado o Paulinho, o Jeremias. Então é tão lindo gente do céu, é a coisa mais maravilhosa do mundo porque eu não entendia o livro “Quarup”, eu não era capaz.

Quando eu fui para Recife, esse moço, essa preciosidade de pessoa, essa luz. Eu falei, como eu entender se fala de Cripta? Cripta é cemitério, eu fechei o livro e aí ele foi me explicar o porquê o livro partiu depois da morte, o que seria e ele pôs no final a síntese do “Quarup” e o “Quarup” desse Antônio Callado, o que ele fez? Ele fez o personagem principal de Antônio Quarup, então ele fez o quê? Levindo, foi um personagem quase que o principal mesmo é o Nando, olha como eu estou lendo.

O Levindo, ele se inspirou, olha que coisa maravilhosa, ele se inspirou no personagem de Jeremias, olha que coisa maravilhosa que Deus deu esse privilégio para a minha família. Na capa do Jeremias para poder fazer o livro todinho, então um pouco romanceado, então é muito lindo tudo isso, isto sem dizer que tem mais. Espere um

pouquinho. Então, “O Tempo de Arraes”. O Tempo de Arraes que eu vi lá em casa não deu tempo de eu ler porque quando eu fui a Recife em setembro, eu fiquei muito, não posso dizer P da vida porque é um termo meio baixo e eu sou uma professora, eu fiquei muito indignada porque é tão claro, é tão evidente que tudo é poder da política econômica e o pouco que eu fiquei lá, foram cinco dias, cinco ou seis dias que eu fiquei em Recife, eu pude, eu queria ir lá só para ver onde meu irmão pisou porque ele deu a vida, sabe, eu não entendia isso.

Quando eu fui lá só para ver onde ele pisou, porque o fez ficar lá tanto tempo e tudo mais, o que eu descobri? Eu descobri que atrás de tudo isso tem a política. Esse Paulo Guerra que era na época.

O SR. SEBASTIÃO NETO – Dona Lélia, precisamos ver a equação do tempo. Não nos leve a mal, que o Adriano tinha pedido para a senhora.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Tudo bem. Esse Paulo Guerra nada mais era do que o vice-governador de Arraes e ele casado com a sobrinha do engenho. Então é óbvio que tem a parte política, por exemplo, essa sobrinha da sobrinha ou alguma coisa assim, hoje em dia ela é candidata lá em Itambé.

Agora aqui, é a lei do mais forte. Eu não sou política e eu posso falar, não quero nem saber. Essa Comissão se quer fazer jus, porque não foi meu irmão que inventou, foi a presidente da república, foi a Dilma de 1946 a 1988 que fossem averiguados todos os casos de política, por exemplo, e se é da verdade, que a verdade venha à tona e prejudique quem foram, por exemplo, entendeu? Porque lá, ela faz parte da política, então eu peço, por exemplo, encarecidamente que vejam não a situação dos latifundiários que matou o meu irmão, mas não só o meu irmão porque tem muitas e muitas pessoas que sofreram e até hoje e leve em consideração a verdade, e que a verdade sobressaia.

É isso que eu faço, eu, irmã de Paulo Roberto Pinto que é Jeremias. Então eu acredito em Deus, a primeira justiça é de Deus porque ele está dentro do, amar a Deus sobre todas as coisas e ao seu próximo e ele é uma testemunha viva, viva nos corações

da família, vive nos corações de quem sofreu isso e eu acredito que esteja pela receptividade que eu tive lá em Itambé. Muito obrigada. Eu não posso falar nem um décimo do que eu gostaria, mas o tempo é escasso e se vocês quiserem ler isso aqui, gente, obrigada. (Palmas.)

O SR. SEBASTIÃO NETO – Bom, vamos dar uma acelerada. Eu ia falar, mas vou saltar e passar para o Cláudio Cavalcanti. Só dizer uma coisa muito simples, o Felipe trouxe 40 livros e ele não pode voltar com 39 ou 37 ou 38 que é pesado carregar livro. Vamos dar um gás aí na compra do livro.

(Inaudível)

Está com o filho dele, sumiu? Onde está o livro? Tem que deixar lá e alguém ficar vigiando. Ícaro, voe até alí, Ícaro. Mas ponha lá porque se o pessoal não vir não vai comprar.

O SR. FELIPE GALLINDO – É que não pode ser vendido aqui na Assembleia.

O SR. SEBASTIÃO NETO – Não pode ser vendido, não é venda, é escambo, o que vale no escambo é a moeda, está bem? Então está certo. Só uma coisa muito rápida, quando o Felipe encerrou falando dos advogados, então eu vou fazer um pequeno pedido a ele no final, quando retornar aqui para ele falar da Dra. Mércia que foi advogada dos trotskistas porque eu quando o Cláudio que vai falar agora estava preso, eu fui a Recife para, fui a vários estados para ver as situações de alguns companheiros e exatamente tive um tratamento assim da Dra. Mércia muito, não sei, acho que é uma fada que aparece na vida da gente e só para fazer uma ponte aqui e poder passar a bola para você, fale aí.

O SR. CLÁUDIO CAVALCANTI – Bom, eu quero em primeiro lugar agradecer ao convite que me foi feito pela Comissão Rubens Paiva da Verdade. Quero agradecer também ao fato de ter sido possível trazer o caso do assassinato de Jeremias para essa Comissão porque Jeremias, como foi dito, foi assassinado antes do golpe de 1964 e foi assassinado pelo poder privado dos latifundiários e não por agentes do Estado, embora o Estado tenha, esteja entrelaçado e naquele momento estava de uma forma muito íntima com o poder privado.

Quero agradecer também a presença de uma pessoa que me é particularmente querida, agradeço à Meg que é aquela moça bonita da quarta fileira por sua presença inspiradora. O amor é aquela força que move o sol e as outras estrelas, na definição de Dante Alighieri. E o amor está na base da revolução, a revolução não é outra coisa senão o amor em ação, o amor afetivo, o amor pela humanidade.

Em minha vida de militante que não foi tão longa assim, mas que tampouco foi breve, eu conheci poucas pessoas, poucos militantes revolucionários que demonstrassem tanto amor quanto Jeremias demonstrou em sua vida militante. O amor que se exprimiu no fato de ele ter se deixado imolar sabendo que ia morrer por um princípio, um princípio de fidelidade aos trabalhadores, àquela massa de pessoas que ele liderava que ele organizou que ele dirigiu e o amor também estava na base da ação de Jeremias.

Eu pretendia falar aqui das ideias de Jeremias, mas isso me levaria muito longe porque Jeremias era trotskista e como trotskista apoiava e utilizava as teses de Trotsky sobre a revolução permanente, teses essas que foram formuladas pelo grande revolucionário em 1905 quando ele, Trotsky, tinha ainda 25 anos de idade.

Essas teses eram na verdade uma resposta ao grande dilema da Revolução Russa, como é possível? Ocorreu uma revolução socialista dirigida pela classe trabalhadora, pela classe operária em um país que não desenvolveu ainda todas as forças que o capitalismo pode conter em seu interior, todas as forças produtivas.

No esquema de Marx, a revolução social não era outra coisa senão a rebelião das forças produtivas. As forças produtivas entram em determinado momento em choque

com as relações de produção e fazem explodir essa moldura criando novas relações de produção. Foi assim na Revolução Francesa com a burguesia no poder. Deveria ser assim com a Revolução Proletária, com a classe trabalhadora no poder? Marx achava que sim, mas Marx estava errado.

A Revolução Russa foi uma revolução contra o capital, não o capital como entidade econômica e social, mas contra o livro “Das Kapital” de Karl Marx. Essa interessante observação foi feita por Antonio Gramsci, um grande revolucionário, um grande marxista italiano.

Eu pretendia falar um pouco sobre isso, mas acho melhor me ater a outro ângulo, a outro lado do tema de Jeremias que estamos hoje debatendo que é a militância dele, esse amor do qual eu falava no início.

Jeremias nunca adotava uma posição sem antes consultar a massa de trabalhadores que estava com ele. Durante a sua atividade em Itambé, várias vezes ele foi convidado a negociar particularmente com os senhores de engenho.

Era uma tentativa de corrompê-lo, de comprá-lo para que renunciasse àquelas lutas, mas Jeremias nunca aceitou fazer esse tipo de acordo e tudo o que os latifundiários propunham era submetido à massa de trabalhadores.

Jeremias tinha total transparência da sua relação com os camponeses, a transparência é outro aspecto fundamental na democracia e na revolução. É um artigo hoje em dia muito em falta no Brasil. Vou contar dois episódios interessantes que revelam isso.

Em 1962 foi preso Joel Câmara que era uma espécie de braço direito de Julião. Antes de ser trotskista, eu militei durante um período nas ligas camponesas, eu fiz parte de um grupo que fazia atividade no campo de conscientização e de organização. Eu viajava principalmente com um colega da faculdade de arquitetura, na época eu estudava arquitetura e esse colega se chamava Paulo Brasil.

O Joel Câmara fazia parte desse grupo. Ele era estudante de direito, dava assistência jurídica a diversos sindicatos camponeses e era o mais radical de toda a equipe formada por Julião. Era extremamente radical e o radicalismo nele não era apenas uma atitude política, era uma questão também neurótica.

Recentemente Joel Câmara protagonizou uma cena lamentável, ridícula mesmo em uma reunião da OAB, a vida em Brasília, no Congresso Nacional. Essa reunião foi convocada para lembrar o Golpe de Estado de primeiro de abril de 1964, foi realizada agora no primeiro de abril passado. Nessa reunião alguém... houve um debate, várias pessoas discursaram e o Joel Câmara estava ali.

Ele pediu a palavra e se referiu ao Golpe de Estado como revolução de 1964. Alguém na plateia o corrigiu, disse; “Revolução não, Golpe de Estado”. Então ele se exasperou, se enfureceu com aquela observação e partiu para cima das pessoas querendo brigar porque ele agora defende a ditadura militar.

Ele foi preso logo no começo dos primeiros dias do golpe, mas depois se passou para o outro lado e atualmente defende acirradamente e com a mesma carga neurótica o Golpe de Estado e a ditadura militar.

Mas em 1962 Joel estava preso na cadeia de Itambé e Jeremias tinha chegado a Itambé com a ajuda dele. Jeremias conheceu a Joel Câmara no congresso camponês em fins de 1962, ou melhor, de 1961 e foi por intermédio de Joel Câmara que Jeremias chegou à Itambé.

Pois bem, Jeremias tinha sido preso entre o final do governo de Cid Sampaio e o começo do governo de Arraes. Então nós fizemos um comício, eu estava presente, a essa altura eu já estava praticamente ligado aos trotskistas, eu estive presente e Jeremias no momento da preparação do comício me chamou e disse; “Olha Cláudio, há um rumor aí de que os camponeses querem arrancar o Joel Câmara da cadeia, querem invadir a cadeia e tirar o Joel de lá. Nós não vamos agitar esse tema, mas se os camponeses nos propuserem não vamos recusar, nós vamos participar”.

Eu concordei com ele e estávamos decididos a isso e estávamos prestes a começar o comício na praça central de Itambé quando a polícia chegou. Era um grande contingente da Polícia Militar, começou a cercar a praça e os camponeses se assustaram e começaram a sair da praça e nós também saímos, conseguimos sair, pegar uma estrada vicinal e depois mais adiante pegar a estrada principal e voltar à Recife. Havia muito temor dos camponeses por uma ação repressiva da polícia nesse momento que felizmente não aconteceu.

Mas isso revela como Jeremias sempre e em qualquer situação consultava os camponeses e aceitava o que os camponeses propunham dentro de uma política de radicalização, mas não de aventura. Esse é um dado muito importante.

Com Jeremias eu militei algum tempo também no Recife, nós fazíamos a distribuição do jornal “Frente Operária” nas portas das fábricas de madrugada. Particularmente na fábrica têxtil de Macaxeira, do bairro da Macaxeira onde tínhamos alguns contatos.

Fizemos também um trabalho bem interessante de organização de um comitê de defesa da Revolução Cubana no Bairro do Engenho do Meio, um bairro meio operário, meio classe média baixa. Tínhamos dois contatos lá que nos ajudavam muito a fazer o trabalho. Duas pessoas que moravam nesse bairro que era o Manoel Camponês que de camponês não tinha nada, ele era uma pessoa de origem de classe média pobre, mas não sei por que era chamado de Manoel Camponês e além dele, algumas vezes Manoel Camponês foi comigo também a Itambé principalmente depois da morte de Jeremias e a outra pessoa era Edinho, como se dizia na época, um contínuo da SUDENE. Contínuo, depois chamado de office-boy e hoje mais prosaicamente simplesmente de boy.

O Edinho era um boy da SUDENE e ele nos ajudava cedendo a casa para reuniões, para encontros. Nós fizemos nesse bairro muita agitação, propaganda e trabalho de organização também. Passávamos filmes, o Gregório Bezerra mesmo uma vez me cedeu um filme para que eu passasse lá no Engenho do Meio em um cinema a céu aberto e fazíamos comícios também, um trabalho de arregimentação que depois se manifestou na preparação de um congresso nacional realizado em Niterói de comitês de defesa da Revolução Cubana.

Esse foi um trabalho que me aproximou muito de Jeremias e eu conheci essa prática dele que antecipava a frase famosa de Guevara; “Não perder a ternura”, “Hay que endurecerse siempre, pero sin perder la ternura jamás”. Essa é a frase inteira e Jeremias era isso, era a expressão dessa ternura constante com a humanidade, com a classe trabalhadora e com a revolução. (Palmas.)

O SR. SEBASTIÃO NETO – Lenise.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Senta aqui então no lugar do Neto, senta aqui no centro da Mesa, que essa cadeira do Neto também é.

A SRA. MARIA JOSÉ LENISE DE SÁ – Obrigada. Eu também quero fazer uma observação inicial. Eu não sou uma debatedora oficial, eu sou uma participante dos acontecimentos, uma pessoa que viveu uma época junto com parte dos companheiros que estão aqui à Mesa e com o meu marido que foi um grande militante político e que escreveu este livro que a nossa amiga Lélia fez a observação.

Ele foi uma das pessoas que conheceu Jeremias, não teve um grande convívio com ele, mas logo após a morte de Jeremias, ele foi decidido pelo comando regional do partido em Recife que ele seguiria junto com o Cláudio e se eu não me engano com o Carlos Alberto Montarroyos para Itambé para continuar o trabalho e também para fazer uma mobilização junto aos camponeses para a questão de um evento que deveria mobilizar não só os camponeses de Itambé, mas de outros municípios para conseguir dar o encaminhamento mais acelerado para as questões da reforma agrária, da questão da luta do campo, da questão dos direitos trabalhistas do proletariado camponês que na época, apesar do governo de Miguel Arraes como um governo reformista, procurar tentar fazer cumprir essas leis em particular a questão do pagamento do salário mínimo e desse décimo terceiro.

Mesmo assim, apesar da boa vontade dele digamos assim, era um governo reformista, era uma frente e essa frente tinha pessoas um pouco de esquerda, de centro-direita e de direita também. E o relacionamento dele em particular com o governador Paulo Guerra, o vice-governador Paulo Guerra, foi uma das coisas que digamos assim, contaminou o governo de Miguel Arraes porque o Paulo Guerra imediatamente após o golpe, na verdade se ele fosse fiel ao Miguel Arraes, ele não teria assumido como vice-governador, ele teria declinado do cargo.

Ele imediatamente assumiu esse posto completamente à disposição dos militares para tomar as medidas que fossem necessárias para abafar a luta no campo, não só no campo como todo o movimento operário que se dava na cidade do Recife na questão

dos trabalhadores do porto que eram muito influenciados pelo Partido Comunista e assim por diante.

Nós tínhamos uma linha política diferenciada do PC porque nós procurávamos doutrinar as pessoas ao nosso redor, tentávamos ensinar às pessoas a pensarem politicamente e tentávamos fazer isso tentando fazer com que as pessoas se unissem e discutissem entre si as nossas ideias e os nossos conceitos porque é assim que se ganha uma como se diz, pessoas para o movimento ensinando as suas ideias e fazendo com que elas entendam isso e não simplesmente arrebanhando como massa de manobra em partidos políticos como se fez ao longo do tempo. Esse pecado o próprio Partido Comunista cometeu e mais recentemente infelizmente o PT sobre o qual nós depositamos parte das nossas esperanças.

Mas isso faz parte do mundo, da história do mundo em todos os cantos por onde se anda. A luta da massa trabalhadora é uma luta muito renhida e muito cheia de perdas.

Jeremias se coloca nesse contexto como uma pessoa assim, como dizia o Cláudio, uma pessoa que era não só um militante, mas era uma pessoa de uma humanidade muito profunda. Nesse aspecto eu faço uma referência ao meu companheiro, nesse sentido, Aybirê, nesse aspecto, tinha certa semelhança com Jeremias, ele era muito sentimental e ele olhava a luta não só por esse lado político, ele olhava muito pelo lado da questão ser humano.

E ele se empenhou duramente nessa luta e se ele não morreu aí e também não acabou sendo assassinado, foi porque não houve tempo para isso porque o golpe estava praticamente às portas. Jeremias morre em agosto e em março do ano seguinte o golpe vem.

E porque os latifundiários através da polícia do Recife, a gente tem que colocar isso porque digamos assim, a polícia, o aparelho de repressão do governo do estado embora o governo não quisesse digamos assim, talvez o Arraes não quisesse pessoalmente tomar essa atitude, mas ele foi forçado dentro das circunstâncias porque ou ele entregava e ele perdia a autoridade diante das classes empresariais e ele não era só governador do povo, ele era governador das classes empresarias também, como são todos os políticos que se elegem infelizmente pelo nosso voto.

Eles apressaram uma repressão contra o movimento e não deram tempo, era um congresso camponês que ia ser feito a partir de Itambé com a participação de outros municípios e eles, sabendo que o movimento trotskista estava se mobilizando nesse sentido junto com as ligas e outros segmentos, eles trataram de reprimir rapidamente cortando a cabeça dos militantes que foram e tomaram o lugar de Jeremias. Não tão radicalmente, mas colocando todos na prisão e impedindo e dificultando todo um trabalho que teria sido feito.

Eu não vou me prolongar muito porque eu acho que muito já foi dito aqui pelo professor Felipe Gallindo que tem pesquisado a fundo essa história e ele deu uma grande contribuição para levantar esse caso de Jeremias e também para colocar na ordem do dia a nossa militância que foi uma militância que aparentemente não existiu porque todas as vezes que se fala em militância política se fala ou do movimento do Araguaia, ou nos militantes do Partido Comunista ou do pessoal que pegou em armas.

Quando que o papel dos trotskistas que apesar de ser um grupo pequeno, foi de uma importância bem relevante e esse trabalho que Gallindo fez coloca isso a nu. Então eu quero terminar fazendo um apelo a essa Comissão da Verdade e da Justiça que na verdade está sendo apenas uma comissão de memória porque nós sabemos perfeitamente que não foi dado a esse grupo o poder de encaminhar essas questões para processos contra esses elementos que torturaram, os que mataram incluindo não só os militares e os policiais como os empresários que tiveram a capacidade de organizar milícias, especialmente os latifundiários, em particular em Pernambuco.

Mas não só lá, em todo o Brasil onde existia propriedade rural, grandes propriedades rurais e grandes senhores de terra, milícias foram organizadas e continuam sendo porque na década de 1980 pra cá já se matou um sem número de camponeses em Belém do Pará, na Bahia, mesmo em Pernambuco se não mata o camponês diretamente ou o líder que está organizando alguma luta, se mata um advogado que está trabalhando a favor dos camponeses ou se mata alguém da família de alguém com o intuito sempre de cercear o seu direito de opinião, o seu direito de organização e o seu direito de reivindicar os seus direitos de ter uma vida melhor, mais digna do que viver em um país mais justo e menos corrupto.

Infelizmente tem sido assim. Eu gostaria muito que essa Comissão tivesse o poder de julgar toda essa gente porque só no Brasil essa anistia vergonhosa aconteceu. Em todos os outros países que nós conhecemos, onde houve processos políticos dentro da América do Sul, todas essas comissões tiveram o seu trabalho direcionado para processar esses indivíduos, seja no Chile, seja na Argentina, seja no Uruguai.

Só no Brasil que se fez esse arrumadinho, entendeu? De anistia geral para quem? Por que se dá anistia para torturador? Eles deram um golpe de estado, depuseram um governo legitimamente eleito por uma grande camada da população e depois cassaram todas as pessoas que se puseram contra esse golpe. Por que deram anistia para eles?

A anistia era para nós que lutamos por uma causa, que lutamos por justiça social e por um país que não tivesse a vergonhosa pecha lá fora de ser um dos países mais corruptos do mundo onde os políticos usam os seus cargos apenas para corromper, se corromper e corromper os seus pares e que para se aprovar qualquer ato do governo que venha a fazer alguma coisa a mais pela população é preciso que se pague aos deputados dos outros partidos para que eles votem a favor e isso é uma prática comum no Brasil há anos e anos, aliás, há décadas, não é de agora. Eu acredito que isso é feito desde a época que se iniciou a República infelizmente.

Então eu quero encerrar para não, porque ainda tem outros companheiros para falar algumas coisas mais que eu e era isso que eu queria, que tudo isso fosse revisto e que o governo tivesse um ato de coragem, já que a senhora Dilma Rousseff foi uma ex-militante política, que não só ela como todos esses elementos, esses ministros e essas pessoas que se disseram socialistas que ingressaram no PT e assumiram o poder e não só os outros partidos, alguns partidos que ainda se dizem de esquerda e estão apoiando o governo, que tivesse um ato de coragem e de decência e acabassem com essa vergonhosa anistia que se implantou no Brasil e que se levassem ao tribunal todas essas pessoas que estão vivas e que foram responsáveis por crimes hediondos, por destruir famílias, destruir vidas e inclusive traumatizar para sempre crianças, filhos de pais que tiveram este destino cruel. É isso que eu queria deixar dito aqui.

Eu participei da inauguração do comitê de Recife, mas me afastei uma, por problemas de saúde de meu marido que eu tive que cuidar dele e infelizmente ele veio a falecer. Para ele hoje seria um dia de muita alegria se ele pudesse estar aqui

participando, estar aqui presente a este testemunho da militância e do trabalho de Jeremias e também porque eu não vejo sentido em ficar em comissão em que se vai lembrar casos e depois se vai deixar tudo no esquecimento.

Olha os nazistas fizeram a guerra na Europa, destruíram a vida de milhões de pessoas e até hoje se caça nazistas pelo mundo para que eles respondam pelos crimes. Por que isso aqui no Brasil? Não tem, não faz sentido nem tem nenhum argumento que sirva de base para manter essa anistia brasileira.

Essa é a minha opinião, se alguém quiser ficar contra que fique. Se quiser me perseguir novamente eu pouco estou me importando porque eu acho que já vivi bastante e enquanto eu estiver viva e enquanto eu puder falar alguma coisa contra, eu farei. É só isso que eu tenho a dizer. Muito obrigada a todos. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Ontem mataram quatro pessoas, os nazistas mataram quatro pessoas dentro do museu em Bruxelas e a gente é obrigado a ouvir tudo isso que a gente ouviu aqui. Queria falar, passar a palavra para o Martinho Leal Campos, militante político.

O SR. MARTINHO LEAL CAMPOS – Uma quase boa noite a todos. Eu quero agradecer muito por ter sido convidado pela Comissão Rubens Paiva, agradeço ao Neto e quando fui convidado eu pensei assim, puxa vida, qual vai ser o meu depoimento sobre Jeremias?

Eu poderia ater-me em fazer uma análise política que na verdade seria na linha das intervenções que me antecederam e por isso não vou entrar nesse caminho porque ele já foi muito bem trilhado aqui e seria repetir. Eu estou totalmente de acordo com as análises feitas. Eu quero simplesmente para não tomar muito tempo, eu quero ser breve porque acho que é o meu dever nesse momento, eu sou o último a falar parece. Penúltimo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Martinho fique tranquilo e use o tempo que for necessário.

O SR. MARTINHO LEAL CAMPOS – Eu gostaria de fazer uma intervenção em outra linha. Enquanto se falava aqui eu estava rememorando como é que foi a minha entrada na seara de esquerda. A primeira força social que me veio a levar a assumir uma posição de esquerda na Paraíba foi o movimento camponês, foram as ligas camponeses da Paraíba.

Mais precisamente isso aconteceu e me deu aquela força concreta para começar a militar e eu como estudante foi a morte de João Pedro Teixeira. João Pedro Teixeira foi um líder. Então eu faço a comparação porque quando eu conheci a Jeremias e foi muito rápido, o meu conhecimento sobre Jeremias é que foi constante, o meu irmão esteve mais com ele do que eu, eu estive uma vez só.

Mas já naquele momento eu comecei a me entusiasmar com as notícias, informações sobre o que estava sendo feito em Itambé. Itambé e Pedra de Fogo, Itambé em Pernambuco e Pedra de Fogo na Paraíba são cidades gêmeas. Então a militância de Jeremias era uma militância em Pernambuco, mas também era na Paraíba.

Felipe no livro dele cita o fato de que o pessoal fugia para a Paraíba, matava em Pernambuco, fugia para a Paraíba e isso continua. E foi a morte de Jeremias que levou os militantes da vanguarda leninista da Paraíba a entrarem no partido quando esteve o companheiro Diego *ininteligível* que ao chegar à Paraíba já sentiu que ali não havia mais porque ficarmos na vanguarda leninista e nós estávamos diante daquele assassinato imbuídos justamente da vontade de seguir o caminho, de um exemplo muito forte de Jeremias.

Eu acho que Cláudio foi lapidar ao definir Jeremias, a ternura e a firmeza, a posição Guevariana própria e nós quando começamos a desenvolver o nosso trabalho, nós sempre tivemos Jeremias como a luz. O companheiro que realmente representava aquela postura legítima de avançar no processo com todo destemor, era o que nós sentíamos, era justamente isso porque nós tínhamos aquele exemplo forte daquele camarada que foi assassinado daquela maneira.

Agora eu digo o seguinte, estou muito satisfeito porque a Comissão está trazendo à tona, fazendo essa sessão a respeito de Jeremias porque se fala de tudo o que é companheiro líder camponês, fala-se de João Pedro Teixeira, o Partido Comunista fala muito de Gregório Bezerra, mas não se fala de Jeremias, eu concordo. Então nesse momento a gente precisa falar de Jeremias, mas não só falar de Jeremias.

Eu acho que a Comissão, ao resgatar essa figura de Jeremias, está desenvolvendo um trabalho particularmente importantíssimo do ponto de vista histórico. Quando da morte de Jeremias havia um congresso estudantil na Paraíba que era liderado pelo Partido Comunista e eu fui até lá para denunciar, para informar e denunciar a morte do camarada e os comunistas não queriam que eu falasse e eu quase que falei, como se diz na marra.

Tomei o microfone, subi ao palanque e informei para a plateia que havia sido assassinado o camarada Jeremias em Itambé em que circunstâncias e etc. Mas isso rendeu para mim uma pressão negativa enorme por parte do Partido Comunista, por parte dos companheiros do Partido Comunista.

Bom, nós sabemos que não poderia ser de outra forma porque além da luta histórica dos comunistas contra os trotskistas, naquele momento havia o governo de Arraes e, como disse Felipe, ainda hoje você não tem condições de desenvolver uma discussão principalmente em Pernambuco e acho que a gente com base nessa Sessão aqui dar todo um desdobramento sobre isso.

Acho que a gente deve fazer e eu vou inclusive, me comprometo ir à Paraíba, já discuti com a Comissão Estadual da Verdade da Paraíba para que o caso de Jeremias fosse discutido nessa Comissão, parentes do Zé Borba estão lá na Paraíba desenvolvendo atividades empresariais e com a mesma postura.

Nós estamos cientes disso e essa minha proposta foi devidamente aceita e eu acredito que dentro de alguns meses essa reunião vai acontecer, essa sessão irá acontecer e aí vamos ver como é que nós vamos dar força, mais um elemento para compor um quadro de discussão nacional a respeito disso porque eu volto ao caso de João Pedro Teixeira.

João Pedro Teixeira era um líder camponês simplório, era uma pessoa que não tinha nenhuma consciência política maior, tinha uma consciência de classe naquele momento ali representando um conjunto de interesses locais, de pequenos agricultores, entrou na liga camponesa, mas não tinha, Jeremias era diferente, é outro nível.

É um camarada, um líder consciente de seu papel político, de um partido político que estava organizando uma luta no nível mais alto programaticamente falando e do ponto de vista como disse a companheira Lenise, da humanidade. Então é preciso que a gente analise isso nesse patamar.

Eu não tenho mais o que dizer, tenho só que dizer da minha satisfação enorme de estar aqui e de contribuir, de estar aberto sempre para que a Comissão, em seu desdobramento, se necessitar, convidar-me mais uma vez para que eu possa dar a minha contribuição em mais alguma coisa mais firme. Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Espere um pouquinho. Eu vou dizer uma coisa para todo mundo aqui. Eu gostaria de ouvir os dois outros irmãos por que até no livro aqui do Gallindo tem a foto de um dos irmãos Wilson, o Wilson está lá. Queria até que o Wilson viesse um pouco para cá, fique ao lado de sua irmã, até que ficaria uma foto bonita. Ajude-me aqui, põem os três. Edson venha para cá, por favor, fique os três para cá. As cadeiras aqui dão um desnível, não tem mais cadeiras, Danilo, para eles ficarem? Ficam os três irmãos.

Eu quero falar uma coisa, como está gravando, senta aqui os irmãos, não tem placa de identificação dos irmãos, aqui é o Gallindo. Eu queria ver da seguinte forma, a gente ouve um pouco os irmãos, a irmã não vai falar mais porque se a gente botar, ela vai falar mais e de novo voltar e oito horas da noite e a gente sai daqui, embora a senhora fale muito bonito, muito emocionante, tem uma capacidade impressionante.

Depois eu queria falar para o Gallindo, viu Cláudio, Gallindo, para você que é um menino tão estudioso, tão focado, que você falasse sobre o processo da tese, os dez anos da sua pesquisa porque deve ter coisas impressionantes para falar desse... E eu vou falar uma coisa para a senhora, dona Maria José Lenise de Sá, companheira que é do Aybirê, que fez esse livro maravilhoso aqui também das ligas camponesas.

Eu vou dizer uma coisa para a senhora, a senhora conseguiu me atingir da forma mais ofensiva que a senhora pretendia. Eu sei que a senhora veio com o discurso armado lá da Comissão de Pernambuco, a senhora me ofendeu, nos ofendeu porque eu vou dizer uma coisa para a senhora: a Comissão de São Paulo aqui é um braço da Nacional, ela tem por responsabilidade todos os mortos e desaparecidos em São Paulo e de São Paulo.

E os casos, nós temos três casos do PORT, Olavo Hansen, Pfützenreuter e o Gallindo, e o Jeremias, desculpe, e o Jeremias. Eu vou dizer para a senhora, os três casos não que a gente tenha tratado, foi um dos que a gente conseguiu fazer melhor. O Pfützenreuter foi o Osvaldo, nós fizemos mais de uma sessão. Olavo Hansen foi uma das mais impressionantes, tanto é que a gente tem a vídeo biografia. A senhora viu o capricho que foi feito até no memorial lá da resistência? Esse menino pernambucano que adotou o personagem do Jeremias? Ele é pernambucano inclusive, ele é pernambucano esse menino. Da Companhia do Tijolo.

Então eu vou dizer uma coisa para a senhora. Aqui, se o cara pegou em armas, se não pegou em armas, se ele era comunista, se ele era trotskista, se ele era cristão, isso não tem a mínima importância. A única coisa que nos unifica é se ele enfrentou a ditadura. E mortos e desaparecidos, já chega a gente ter que ouvir da repressão que os que pegaram em armas eram os terroristas.

Isso, agora se o sujeito era pacifista, se ele acreditava na força das ideias e fosse da corrente trotskista que fosse ou da corrente cristã, aqui não é lugar, nenhum departamento de polícia que nós vamos investigar os antecedentes. Aqui nós tratamos do mesmo jeito o Santo Dias da Silva e o Carlos Marighella, o Carlos Lamarca e o João Pedro Teixeira. Aqui ninguém pede atestado de antecedente para o cara ser revolucionário, a única condição é que ele tenha enfrentado a ditadura, a única. Essa é a condição que nos unifica.

E se os políticos são corruptos, se não são corruptos, eu estava perguntando para o Gallindo, esse Guerra que era o vice do Arraes é parente daquele que era o presidente nacional do PSDB? Ele falou que era. Assim como os Coelho, os Nilo Coelho, faziam parte do governo Dilma lá da SUDENE, assim como aquele Adalberto Ribeiro é neto

daquele cara que mandou matar Margarida Maria Alves, que esteve envolvido na repressão lá dos camponeses da liga dos camponeses.

Então aqui ou em qualquer lugar do Brasil, nós sabemos muito bem quem está do lado do povo e quem está dando... *ininteligível*. Então eu não vou responder a sua acusação contra o Partido dos Trabalhadores, com a comparação que a senhora fez com o Partido Comunista porque eu vou respeitar a senhora como depoente da Comissão da Verdade, mas na oportunidade que eu tiver eu vou lhe responder dos meus sentimentos e dos meus brios porque eu não sou nenhum traidor, não sou nenhum moleque, estou aqui tentando fazer um trabalho sério e pelo menos aqui a senhora vai me respeitar, por favor. (Palmas.)

Queria passar, nós estamos com a família aqui.

(Inaudível)

Eu dou o tempo que a senhora quiser, agora eu vou ouvir a família, por favor. Pelo menos na frente da família, a gente vai respeitar a memória do Jeremias e não vai usar a memória do Jeremias para ficar se atirando um nas costas do outro pelas costas. Vamos lá.

O SR. EDSON CLEBER PINTO - Companheiros, boa tarde a todos, o meu nome é Edson Cleber Pinto, eu sou irmão de Jeremias. Primeiramente eu gostaria de fazer um agradecimento público ao José Felipe Gallindo por que a gente, quando ele esteve lá já fazia quase 50 anos que meu irmão havia falecido e que a gente não tinha notícia do partido, não tinha notícia de nada, a gente teve que correr muito para trazê-lo de onde ele foi enterrado e enterrá-lo em solo mogiano.

Então graças ao trabalho e a pesquisa do nosso historiador que na verdade se coloca quase que como um familiar, é que hoje a gente pôde tomar assento aqui na

Comissão da Verdade, ouvir as pessoas falarem um pouco de Jeremias para ilustrar a parte política que a gente não sabia de tantos detalhes.

Gostaria de agradecer à Comissão e passar à Comissão uma responsabilidade que é aquela de colocar o nome do Jeremias dentro da história política desse país porque não é possível que uma pessoa que dedica sua vida (*chorando*) ao semelhante não consiga nesse país ser reconhecido como a pessoa que mereça fazer parte dessa história política desse país.

A gente está muito agradecido embora depois de tantos anos, mas a gente está muito agradecido de ter acontecido hoje e só esperamos que na realidade isso possa prosseguir e que aquilo que for ocorrer doravante, seja sempre em prol de uma democracia, mas uma democracia salutar onde as pessoas realmente possam dizer que vivem em um país democrático com todos os direitos e todas as garantias asseguradas. Muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Wilson com a palavra.

O SR. WILSON PINTO – Boa tarde a todos os presentes e também o presidente aqui e os seus companheiros também em homenagem em que nesse momento nos encontramos aqui para participar desse, eu fico meio emocionado assim, mas desculpa. Essa homenagem ao meu irmão que faz mais de 43 anos que ele faleceu já.

Eu lembro ainda como se fosse hoje, nós trabalhamos, chegamos em casa às 7h e pouco da noite, se não me falhe a memória foi em uma sexta-feira e naquela época meu pai sempre costumava pegar as novelas pelo rádio e meu pai no intervalo da novela ele escutou nome do meu irmão, o Paulo.

O Paulinho que tinha sido assassinado, se eu me recordo foi 5h da tarde do dia 08 de agosto de 1963. Meu pai ficou totalmente transtornado, ele ficou procurando de todas as maneiras tudo quanto era recurso para ver se conseguia concretizar esse fato que realmente acabara de acontecer.

Quando foi mais ou menos nesse mesmo dia de sexta-feira, eram umas 10h30 por aí, vieram duas pessoas que vieram e se eu não me engano foi de Ferraz ou Poá eu não me recordo bem, trazer a notícia pessoalmente para o meu pai que realmente o nosso irmão havia sido assassinado em Itambé em Pernambuco.

Houve aquela tristeza que normalmente nós que temos as nossas famílias, que nós temos os nossos entes queridos alí, é um choque muito grande. Foi realmente depois desse dia, uma semana totalmente, não tinha condições nem para trabalhar. Nós que somos muito conhecidos em Mogi das Cruzes inclusive o presidente da Câmara de Mogi das Cruzes, ele além de advogado era presidente da Câmara também, ele teve uma ideia porque aquelas duas pessoas que foram à nossa casa naquele mesmo dia do acontecimento, eles nos comunicaram alguns dias depois que iriam providenciar uma ida de uma pessoa da família a Pernambuco.

Enquanto passava aquele tempo, aqueles dias, aquelas semanas, esse advogado também cujo eu acabei de citá-lo que é presidente da Câmara, ele nos chamou lá em uma reunião extraordinária e todos os vereadores, como presidente da Câmara de Mogi, assinaram um documento, todos eles para ser encaminhado diretamente para o governador de Pernambuco José Arraes, que ele acabava de assumir naquele ano como governador do estado aquele documento muito importante.

Eu particularmente tive esse privilégio de ir a Pernambuco, eu e meu cunhado, inclusive o marido da minha irmã aí já falecido. Ficamos lá em Pernambuco um bom tempo, mas é muito difícil de fazer a exumação, trazer o corpo do meu irmão aqui, que a minha mãe estava totalmente acabada, coitada. Qual a mãe que não sente a falta de um filho? É um pedacinho da mãe.

Eu naquela distância lá junto com meu cunhado, mas ele teve que voltar porque o marido dela era policial e tinha que se apresentar aqui em Mogi no quartel e eu fiquei ainda por mais 20 e poucos dias ainda lá. Estive na casa de um advogado que pertence também ao Jeremias nas mesmas situações ele defendia o Jeremias também lá.

Fiquei no Palácio do governo alí praticamente quase de manhã até a noite, saía apenas para almoçar e retornava, mexendo com a papelada para pedir o traslado do corpo dele para Mogi. Foi muito sacrifício, luta com um, luta com outro, eu estive até

com dois deputados de lá também que deu uma força tremenda. Estive em audiência com o governador de Pernambuco José Arraes, eu estive conversando com ele.

Dali ele mandou para a assessoria de imprensa e logo já foi autorizado à exumação do corpo do meu irmão. Eu estive em Itambé, de Recife a Itambé eu fui de ônibus, é canavial de um lado e de outro, é uma estrada de chão cheia de buracos, só cabe um veículo, quando se encontra com outro tem que se afastar o outro também, levou uma hora e pouco para chegar lá.

Tem um coreto lá em Itambé, se eu não me engano um dos companheiros que deve saber parece que não é També, é Itambé, parece que agora mudou o nome, não é isso? Itambé. Quando eu cheguei lá aquele povo humilde, lutadores, com aquelas crianças lá, se vocês vissem a situação daquelas crianças é de cortar o coração, por quê?

Crianças lá, coitadinhas, tudo peladinha, aquelas meninas com aquelas calcinhas tudo com a barriga estufada para frente porque não tem alimentação, não tem nada. Eles vivem praticamente quase que tomando a cana de açúcar, dorme onde? Na esteira, são aquelas casas que normalmente lá se fala mocambo, não sei como é que chama aquele negócio que eles fazem, mas faz um calor tremendo também lá.

Eu no primeiro dia em que cheguei à Itambé, onde tinha o coreto correu a notícia rapidinho, por essa luz que está iluminando aqui, não chegou há duas horas que eu presente ali, aquela praça do coreto ficou lotada de camponeses. Eles chegavam para mim e um perguntava: “Esse é o irmão de Jeremias”? E um respondia para o outro e aquilo correu de boca em boca. Tinha mais de 200 pessoas, não sei de onde surgiu inclusive um deles chegou perto de mim e falou: “O senhor veio aqui, vai substituir o Jeremias”?

Eu falei para ele: “Olha amigo, deixa eu falar um pouco aqui, depois vão pensar, vão analisar”. Ele falou: “Conto muito com o senhor para ver se fica aqui no lugar do seu irmão”. Mas não quis comentar, não quis dar esperança para ninguém.

Fiquei lá, voltei novamente para Recife e depois exumar o corpo do meu irmão lá. Ele foi trasladado ali do Aeroporto de Guararapes para o Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro ele veio no carro fúnebre, no carro fúnebre de Mogi das Cruzes que foi buscá-lo lá. Ele está enterrado lá no Cemitério São Salvador em Mogi das Cruzes junto com meu

pai, com a minha mãe, mais dois irmãos que eu tenho lá. Se alguém aqui algum dia for à Mogi das Cruzes, pertinho aí, é uma hora de viagem, tem o túmulo dele lá.

Eu como um irmão, eu fico muito agradecido por essa homenagem prestada ao meu irmão que jamais será esquecido, eu guardo isso de todo o meu coração. Eu peço a Deus que a vida do meu irmão não fique em vão, fique nas memórias não de dezenas, de centenas, mas de milhares de brasileiros e conhecido não só aqui no Brasil como em outros países também.

Jamais será esquecida a memória desse grande rapaz, um grande homem, Jeremias. De todo o amor, de todo o carinho irmão, Deus que tenha a sua alma em bom lugar e muito obrigado. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Sebastião Neto.

O SR. SEBASTIÃO NETO – Bom, eu estou aqui em uma função meio dupla porque eu venho aqui porque eu ajudei a organizar pois essa audiência é da Comissão Nacional com a Estadual. Então, por exemplo, o convite do pessoal de Pernambuco vem da Comissão Nacional que tem recurso, pelo menos tem a passagem que as pessoas possam vir e a Dra. Rosa Cardoso está muito atarefada e como eu sou do GT dos trabalhadores eu acompanho e acompanho porque ajudei o Tullo que fez as indicações, as referências, inclusive o nosso pensamento era de trazer o Joca, pensamos em trazer o juiz de novo e pouco a pouco isso foi depurando porque pela razão que você sabe do juiz, eu já falei.

Então eu quero dizer a vocês o seguinte, eu em minha militância, eu queria dizer à família isso, vocês têm que imaginar que eu tinha treze anos no golpe, mas eu comecei a militar muito cedo, então eu queria dizer a vocês que uma das músicas... que eu queria falar para eles, que uma das músicas da minha educação política é uma música mexicana em homenagem ao Jeremias, não é isso?

Eu sei ela inteira em castelhano, não conseguimos, tentei até um colega nosso que canta trazê-lo aqui, mas como eu passei a metade da semana fora não consegui

trazer, mas teria sido muito bonito alguém cantar aqui a música em homenagem ao Jeremias, ou seja, nós temos uma geração de revolucionários latino-americanos que foram educados politicamente na visão...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Não dá para a gente pegar a gravação?

O SR. SEBASTIÃO NETO – Não sei, Adriano, não consegui estruturar. Aqui tem a letra em português, mas é uma música muito bonita que é um corrido, é um corrido corresponde ao cordel, só que ela é musicada. Você sabe cantar?

(Inaudível)

Não, é que tem que gravar. Pare com a timidez.

A SRA. – Quando eu cheguei aqui, eu fiquei pensando o tempo todo, mas tem uma música que todas as vezes que a gente fazia a reunião a gente cantava a música e eu estava quase vindo com um pedacinho para a gente cantar a música. Eu não lembro da música, mas eu lembro que a gente cantava. É que faz tanto tempo.

O SR. SEBASTIÃO NETO – Você sabe cantar?

A SRA. – Não sei a música, eu queria que vocês cantassem.

O SR. SEBASTIÃO NETO – O Adriano está procurando, a música chama “Camarada Jeremias”, é um corrido, talvez tenha na internet, não sei.

Bom, mas eu queria dizer aos irmãos particularmente, eu queria dizer aos irmãos como assim, uma espécie, eu sou muito realista, eu acho que morreu é uma sacanagem, eu não admito as pessoas serem assassinadas, eu tenho um problema diferente da maioria das pessoas que acham como se isso fosse fortalecer.

Eu acho que não, é uma perda, assassinato é uma perda. Nós temos aqui quase 500 assassinados, talvez mais de mil e poucos camponeses, é um número que ainda está sendo discutido por aí, ou seja, na ditadura militar se matou muita gente, se matou muita gente. Eu acho que isso são perdas e hoje apareceu aqui uma questão muito séria.

Nós não temos ideia se esses companheiros que foram assassinados, quanta diferença faria se estivessem vivos. Eram pessoas talentosas, eles não eram vanguarda por acaso, quer dizer, o que seria um Lamarca vivo? O que seria um Marighella vivo? O que seria um Jeremias vivo? O que seria um Honestino Guimarães vivo? O que seria um Olavo Hansen vivo? Não sabemos, mas provavelmente melhorariam a nossa qualidade política, não é? Até porque eles matavam aqueles que eles consideravam os principais, não é isso?

Então a primeira coisa, eu queria dizer uma coisa muito carinhosa aos irmãos, muito carinhosa, que eu sou testemunha porque eu, a Íria que está ali, a Clarice, nós fomos educados politicamente uma das partes da nossa educação política, que nos alentava, que como a gente era mais participante, eu tenho que dizer isso a vocês. A gente lutava contra a ditadura, mas não tinha a menor ideia se iria dar certo, nem quando iria dar certo.

Eu acho que nesse está o valor maior da nossa militância, se nós não iríamos ser ganhadores seguramente, a gente não tinha nenhuma bolinha de cristal que dissesse à gente que a gente iria ganhar ou que a nossa geração iria ganhar e para isso nós nos espelhávamos nas gerações anteriores, nos velhos comunistas que foram derrotados pela ditadura Vargas, que foram para a cadeia, que eram velhos *ininteligível* na minha infância.

A minha infância com os velhos comunistas eram de pessoas muito machucadas que tinham sofrido na ditadura Vargas e continuavam sofrendo na ditadura militar. Então eu fui criado em um ambiente um pouco sombrio, vamos dizer assim, porque nós não íamos ganhar, a nossa geração não tinha nenhuma chance ganhar e eu acho que essa é a virtude que o Jeremias encarnou.

Isso que o Martinho falou, quer dizer, o Jeremias naquele momento ele sabia de uma possível traição, mas ele não podia fugir da frente da massa que ele representava e quantos de nós já passamos por situações semelhantes? Não de assassinato, mas de enfrentar um comando da PM e falar: “É você a liderança? Eu que falar com você”. Não é isso? Nós sabemos o que é isso, não é uma coisa muito fácil de encarar.

Então eu acho que essa qualidade que ele teve, mas a morte é uma perda, ponto. É uma perda para vocês e é uma perda para nós.

A segunda coisa que eu queria dizer, nessa Mesa aqui estão três ex-dirigentes nacionais do PORT pelo menos, o Martinho, o Cláudio, tinha um terceiro aqui, quem era? O Boris, de outra época. Então esse trabalho da Comissão da Verdade de São Paulo junto com a Nacional, eu queria um pouco fazer uma mediação aqui do que o Adriano falou, com todo carinho ao Adriano.

Gente, nós não podemos, viu minha querida Lenise, fazer o que faz com todo o carinho, o que faz o anarquismo de direita. Toda a política é ruim, todos os políticos são “filhos da puta”. Quando a gente fala, vocês sabem que eu sou e para vocês terem ideia eu estava na fundação do PT, eu não assinei ata de fundação, eu já era um radicalzinho naquela época, podia estar assinada a ata lá na hora, eu estava lá na fundação. Então e fez campanha o PT desde 1982, já votei em outras pessoas, isso é um direito meu, eu voto em quem eu quero, mas se o charco está tão profundo, nós temos que saber quem está fora do charco.

Se temos muitos problemas, se tem um governo de sustentação de composição como é, o Adriano citou quatro ou cinco exemplos aí que estão na base do governo, eu acho que ao mesmo tempo tem que dizer, olha os nossos companheiros, eu digo, por exemplo, eu tenho algumas pessoas do PT que eu tenho relação profunda e uma delas é o Adriano, a outra é o meu amigo Eudes que é deputado federal do PT do Ceará, a outra

é o Walter Pinheiro que é um senador. São meus amigos de vida inteira e não tem nenhuma pisada de bola desses caras, nenhuma, zero, do compromisso.

Quando nós estávamos ouvindo aqui, o próprio Felipe vai retomar essa questão aqui, mas já falou, a dona Lélia já falou, a dificuldade que é fazer esse depoimento como nós fazemos em Pernambuco, quer dizer, há uma diferença enorme na transmissão aberta pela TV Assembleia, há uma diferença enorme na divulgação pública de tudo que é feito na Comissão da Verdade de São Paulo. Então esse referencial nós não podemos perder, nós não podemos perder, é uma coisa diferente.

Depois o ato mais bonito que eu participei nos últimos anos foi o ato do Olavo Hansen, foi o ato mais bonito porque foi na Maria Zélia, onde ele foi preso, juntou todo mundo, teve um coral lindo, teve um trabalho espetacular no teatro da Dulce Muniz, havia um ambiente de conagração com as bandeiras vermelhas, não é isso? Quer dizer, como o Adriano disse, o Rui Pfützenreuter teve duas audiências públicas aqui.

Então eu sou testemunha Lenise, com todo o carinho, de que o Adriano, ele realmente é aquilo que ele falou, ele não separou o Frei Tito, a Madre Maurina, do Marighella, do Olavo, do Santo Dias que aquela grande homenagem ao Santo Dias foi feita antes de existir a Comissão da Verdade, foi uma homenagem feita ao Santo aqui e tem o prêmio Santo Dias.

Então eu acho que a gente tem fazer uma mediação e para não entrar muita polêmica. Eu li o seu livro, Gallindo, com a maior atenção e eu acho que o livro coloca as coisas no lugar, por exemplo, o Arraes ajudou a trazer o corpo, é inegável. Agora é o mesmo Arraes no governo de composição e todo mundo sabia da frente do Recife que a opção que a esquerda parlamentar naquele momento fez só dava para ganhar com o Paulo Guerra como vice, todo mundo sabia disso, era um jogo jogado.

Agora os revolucionários participam do jogo jogado fazendo a sua política revolucionária e foi o que os trotskistas fizeram naquele momento da maneira que fizeram com seus erros e acertos.

Eu quero dizer que o nosso GT dos trabalhadores trabalha estreitamente ligado à Comissão Camponesa, reunimos dois dias agora na CONTAG agora em Brasília, eu já saio daqui agora e vou para Minas para uma reunião com sindicalistas, tem sido o meu

trabalho e queria pedir, Felipe, que você nos ajudasse e eu quero conversar melhor com você depois porque é tanta informação que está chegando à Comissão da Verdade Nacional dos trabalhadores e à Comissão Camponesa que cada autor desses tem que fazer para a gente uma página e meia do caso, não mais que isso porque senão nós não conseguimos processar as informações.

É o que nós estamos pedindo e vamos pedir a você. O Murilo está participando do nosso grupo de redação lá, não é isso Murilo? E tem um trabalho extraordinário sendo feito no campo também.

Eu queria encerrar com esse meu pequeno depoimento reafirmando, primeiro à família que parte da minha educação política foi feita pela música em homenagem ao Jeremias, a gente cantava isso como um alento. A música chama “Camarada Jeremias”, é um corrido mexicano, não sei se é possível achar. Eu realmente não consegui achar, Danilo, chama “Camarada Jeremias” e aqui tem a letra se você quiser conferir.

O SR. – Corrido para “Camarada Jeremias”

O SR. SEBASTIÃO NETO – Corrido para o “Camarada Jeremias”, talvez alguém tenha gravado isso e esteja na internet, eu realmente não consegui localizar. Queria dizer ao Cláudio, ao Martinho, à Lenise com quem eu convivi na clandestinidade mais dura aqui em São Paulo, a clandestinidade mais dura. Queria dizer que eu fico muito contente com esse reatamento, mas o reatamento foi possível porque existe a Comissão Nacional da Verdade com a pessoa que está no GT dos trabalhadores que é a Dra. Rosa que tem a maior, vamos dizer assim, apoio às nossas atividades, na medida do possível que permite à Comissão.

Agora o problema gente da investigação é o jogo jogado, a Comissão é verdade e memória. O GT dos trabalhadores é verdade, memória, reparação e justiça, essa é a batalha que nós estamos fazendo, essa é a batalha. Quer dizer, então eu acho que a gente tem que, o Veríssimo tem uma crônica, só para encerrar, muito boa que é o coro. O Veríssimo é uma pessoa que também tem uma visão crítica de todo esse período que nós estamos vivendo.

Ele fala, “Mas o meu coro é com a esquerda, o meu coro não é com a direita, o meu coro é com a esquerda”. Até ele brincou uma vez que o Lula estava preso no porão do palácio e tinha que libertar o Lula, ficava brincando com essas coisas, mas eu não tenho a menor dúvida que o nosso coro é um coro pela esquerda e quem nos atrapalha é à direita.

Então eu acho que aí eu queria evitar uma discussão que não leva a nada e dar esse meu pequeno depoimento e dizer que se vocês quiserem conhecer bem a história de Jeremias, leiam o livro do Felipe Gallindo ou façam um escambo aqui já que não podem vender dentro da Assembleia. Quero agradecer muito a sua presença aqui. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Muito bom Neto. Parabéns pelo seu trabalho para organizar. Achou a música Danilo? Vamos tentar? Conseguiu? Não achou. Então, vamos lá, vamos tentar pedir para aquele gaúcho, Vivian, junto com o Cícero fazer uma gravação para a gente fazer uma homenagem ao Jeremias. Vamos lá?

Felipe, você que é o nosso convidado especial, queria antes de terminar que você pudesse falar um pouquinho mais, um pouco de seu trabalho, você tem mais 15 minutos para falar de como foram esses dez anos da sua pesquisa, da sua tese. Por favor.

O SR. FELIPE GALLINDO – Muito obrigado Adriano. Eu queria antes fazer, falo também da Dra. Mércia, antes fazer uma declaração aqui à importância dessa conjuntura histórica atual. Todo mundo aqui é politizado, tem uma experiência de militância e a gente não está aqui à toa, a gente está aqui porque faz parte da militância de uma causa maior que foi o socialismo. O trabalho das comissões da verdade é um trabalho em termos de conjuntura tardio. A ditadura empresarial-militar acabou em 1985 ou 1988, mas ele é um trabalho de uma importância histórica enorme.

O acervo que está sendo feito, a quantidade de informações que está sendo levantado pela Comissão da Verdade Nacional, pelas comissões estaduais ele só vai ser devidamente percebido pela próxima geração de pesquisadores de fazer esse levantamento, de colocar a verdade histórica em termos de quantidades de mortos e

desaparecidos e esse trabalho em relação ao campo é absurdo, a quantidade de mortos e desaparecidos políticos que deve existir no campo deve ser um número muito maior, muito maior.

Eu também quero fazer um ato aqui viu Adriano.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Viu Gallindo, eu quero só te interromper, antes eu quero, esse senhor aqui faz 40 anos que eu militei com ele e eu quero pelo menos pegar o telefone dele para não perder. Viu Gallindo, eram dois irmãos gêmeos, um era difícil de aguentar, imagina dois.

Mas deixa-me só fazer uma interrupção porque eu tenho uma admiração tão grande pelo seu trabalho por esse grupo do PORT aqui, deixa a família se despedir deles aí. Você não está atrapalhando, só para você deixar a suas coordenadas aqui para a gente não te perder de novo. Eram dois irmãos gêmeos, os dois na física, o Fernando e o Fábio, a gente não sabia quando estava brigando com um ou com outro, viu Felipe?

Deixa-me fazer uma interrupção qualitativa, acompanhe-o. É o seguinte, eu acho que o processo de memória, verdade e justiça que tem esse nome fantasia de Comissão da Verdade desencadeou no território brasileiro, como o seu trabalho, desencadeou um movimento nacional que não tem como estancar. Não tem governo.

O SR. FELIPE GALLINDO – É um processo irreversível independente de qual governo estiver no poder.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Exatamente, é isso.

O SR. FELIPE GALLINDO – Eu quero colocar de uma forma bem clara aqui da satisfação de estar presente nessa Sessão não só por ser uma Sessão sobre Jeremias, mas uma Sessão da Comissão da Verdade daqui de São Paulo porque em Pernambuco eu sou uma das poucas figuras que fala da importância de se discutir a desmilitarização

da Polícia Militar e essa Comissão da Verdade aqui de São Paulo eu sei que já realizou uma audiência pública sobre esse tema e a repressão do passado ela continua de outras formas no presente com as estruturas herdadas do passado e entre essas estruturas está a questão da Polícia Militar.

Então essa Comissão da Verdade daqui de São Paulo é uma das vanguardas das Comissões da Verdade dessa política de reparação simbólica e de discussão das permanências do regime ditatorial. Então é uma satisfação muito grande estar aqui vendo o Adriano com os demais companheiros.

Sobre o caso de Jeremias eu queria falar com a família viu Lélia, Wilson e Edson. Em Itambé nesse momento existem três ocupações de terra. Dona Lélia quando esteve em setembro passado em Itambé e que foi muito bem recebida, é incrível como o seu Wilson foi no passado, “cadê o irmão de Jeremias? Vai continuar o trabalho de seu irmão? Nós queremos você”, as pessoas mais experientes de Itambé, “eu quero conhecer a irmã de Jeremias, eu quero dar um abraço na irmã de Jeremias”, passados 50 anos, “eu quero dar um beijo”, lá em Pernambuco é cheiro, “Eu quero dar um cheiro na irmã de Jeremias, eu quero tirar uma foto com ela”.

Então essa permanência da memória ela continua, tanto que uma das três ocupações de terra hoje no município de Itambé era batizada de “Ocupação Jeremias”. No cinquentenário ano passado do assassinato de Jeremias, em agosto, final de agosto e começo de setembro nós conseguimos realizar um ato. Foi distribuída uma camisa pelo sindicato rural “Jeremias Voltou”, inclusive o meu filho está com a camiseta aqui ele idealizou e essa camiseta está rolando lá em Itambé nas ocupações. No final do ano passado esse acampamento que lá em Itambé ele chama acampamento, não chama ocupação, eles ficaram esperando o prefeito porque no interior o prefeito tem muito elo com esses movimentos sociais e política assistencialista, levar as cestas básicas para eles se aguentarem lá na ocupação e o prefeito não apareceu.

Eles foram para frente da prefeitura no final do ano passado com a camiseta “Jeremias Voltou” dizendo; “Jeremias voltou, nós queremos as cestas básicas”. O prefeito endoidou porque o prefeito ele é parente dos Borba, os Borba ainda continuam no poder político de lá.

Então veja como essa questão da história é um processo dinâmico, é um processo aberto e a gente não sabe onde vai parar. É isso mesmo que você está colocando, Adriano, essa política nacional, essa explosão de memória, existe uma cultura muito de esquecimento, do apagamento. Essa explosão de memória não vai parar com o trabalho das comissões, esses relatórios, esses acervos todos, esses testemunhos todos registrados, eles ficam presentes, eles ficam marcados.

Sobre a questão de Jeremias houve uma política muito agressiva de esquecimento. O governo Arraes naquele período ele facilitou claro, o traslado do corpo porque era importante que não fosse criado um espaço de memória em Itambé onde os camponeses já visitavam o túmulo de Jeremias, já acendiam velas, já começavam a rezar e iria virar um centro de romaria da região.

Quando a gente vai à Itambé é impressionante, vai à feira de Itambé aparece um senhor mais velho: “Eu conheci Jeremias, os jagunços que foram fazer a emboscada para matá-lo eles estavam armando as armas, estavam sei lá, estavam municando as armas perto da minha casa”. Essa memória não para e esse esquecimento não acabou em Itambé, ele acabou na Universidade Federal de Pernambuco onde era um tabu se falar da política dos trotskistas daquela geração porque se mexia em um vespeiro e o nome desse vespeiro é o mito de Miguel Arraes.

Hoje isso está incorporado e aí eu falo para a família dentro do acervo científico da Universidade Federal de Pernambuco, foi uma dissertação de mestrado defendida e aprovada. Ele está sendo colocado nesse livro aqui que está sendo vendido, está sendo conhecido nessa discussão.

Então a história de seu irmão, o querido Paulinho, não parou só no Paulinho, na família, ela não parou, não vai parar, continua porque está presente agora na memória da história política do Brasil. Quando se falar dos movimentos sociais de Pernambuco nos anos 1960 vai se falar claro, com legitimidade, em Gregório Bezerra, em Francisco Julião e um governo Arraes com suas contradições e limitações, mas vai se falar também dos trotskistas.

A geração dos trotskistas que ficavam esquecidas, ela está presente naquele contexto. Está nacionalmente que é a prova da Comissão da Verdade colocando a discussão e abrindo espaço para os militantes que foram assassinados durante o período

da ditadura e agora está se incorporando ao Jeremias. Não foi em vão a morte, pode ter certeza, não foi em vão e é uma bandeira de luta lá em Itambé até hoje.

Sobre a questão também de Jeremias é uma percepção que eu coloco para discussão com os colegas, não é Murilo? E outros historiadores, pesquisadores e militantes. A gente tem que ver o Paulo Roberto Pinto, o Jeremias, também em uma dimensão continental, ele foi o primeiro mártir do movimento trotskista na América Latina porque a primeira figura diz que mesmo não sendo de expressão, a morte causou alguns fatos pioneiros na política nacional.

Foi provavelmente o primeiro inquérito promovido para se investigar o assassinato de uma liderança sindical. Esse inquérito eu não sabia, só soube por causa da repercussão das reportagens do ano passado que a filha do juiz entrou em contato comigo aí abriu esse *link* possibilitando a entrevista e a chamada dele pela Comissão da Verdade pelo estado de Pernambuco.

O primeiro processo também onde um latifundiário foi chamado a depor e vocês viram o relato do juiz toda a dificuldade, ele não queria depor, não aceitava depor, a prepotência de classe impedia porque ele se imaginasse adentrando na delegacia para depor? Foi o promotor e depois em um tribunal de justiça para depor perante um juiz. Então esses são fatos pioneiros que a história de Jeremias ela ganha de uma dimensão maior.

Tem outro caso que também quero colocar porque a reportagem do “Jornal do Comércio”, Sebastião e Adriano, ela lançou uma matéria domingo passado e a jornalista perguntou qual são os possíveis desdobramentos do caso Jeremias aqui na Comissão de São Paulo e abriu o *link* com que o Martinho falou na Comissão da Paraíba.

Um dos citados pelo promotor e depois indiciados pelo juiz é o Oscar Veloso Borba, filho de José Borba. É um senhor octogenário, certamente, que ele mora em uma cidade próxima à Campina Grande no agreste paraibano e que foi colocado na Comissão da Verdade de Pernambuco só que não foi ouvido, entrou em ouvidos moucos, que ele poderia ser chamado para depor e contribuir com a história. Não é o caso de se fazer justiça depois de tanto tempo, mas ele poderia ser chamado para depor.

Tem o caso do processo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – É sobre isso que eu queria te interromper um pouquinho. Felipe é o seguinte, isso a gente queria que você pudesse colocar no relatório. Só um minutinho, deixa eu organizar o meu raciocínio.

Felipe é o seguinte, em geral com esse processo de investigação das comissões da verdade e tal, eles só ficam no capítulo da memória das vítimas. O que a gente queria? Nós estamos tentando esse ano, aqui em São Paulo, principalmente os mortos e desaparecidos, fazer as cadeias de comando. O que são as cadeias de comando?

A gente vai e como existe uma dificuldade muito grande de chamar essa turma para depor, eles não vêm, enrolam, mentem, ficam quietos e depois da morte do Paulo Malhães lá no Rio de Janeiro foi um sinal para que nenhum deles não viesse mais depor porque senão eles vão mandar matar mesmo. Então a gente queria ver, a gente está tentando aqui nós vamos publicar um documento de 1975 chamado “Bagulhão” que é um documento produzido pelos presos políticos que mostra aqui em São Paulo todos os torturadores.

O que eu queria que você pudesse produzir é nesse capítulo do Jeremias e como ele foi anterior ao golpe e tem toda essa caracterização civil, a participação dos empresários, dos usineiros e dos jagunços, que você fizesse um capítulo específico da cadeia da repressão, de toda essa máquina.

Quer dizer, além de todas essas figuras aí, dessas famílias mais tradicionais, que a gente pegasse todo esse sistema entendeu? Então isso para nós é importante porque a gente vai inverter, a gente vai fazer a vítima, nós vamos pegar, só para você entender o que nós estamos falando, vamos pegar o Ustra.

Então, por exemplo, Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandou o DOI-CODI de São Paulo no período tal. Quantas pessoas morreram nesse período? Tal, tal, tal. Dirceu Gravina, Calandra, todos esses caras maiores mandantes, Sergio Paranhos Fleury, quantas, entendeu? Nesse período ocorreram...

Então o que eu estou te pedindo, lógico que nós estamos tentando discutir isso com Pernambuco também, mas se pelo menos no caso Jeremias, você separava o caso

em si, a movimentação, o capítulo da memória, mas avançasse no capítulo da repressão com nome e tudo que houver de possibilidade, entendeu?

Até a gente pode fazer mais uma audiência e aí inverter a ótica. Ao invés de fazer só do capítulo da luta, da resistência, o capítulo da repressão e em Pernambuco foi uma barbaridade e depois do golpe então eu acho que não teve lugar que mais se perseguiu gente e deve estar tudo sub documentado porque como era camponês ia matando dentro da usina e nem documentava, não é? Se a pessoa não tivesse um vínculo com a política.

Então isso que eu acho que seria interessante entendeu? E tem outros estados onde as comissões são muito fracas, então essa coisa está bem mal documentada. Então só queria te pedir isso e que você fizesse com uma atenção especial ao capítulo da repressão. Desculpe interrompê-lo.

O SR. FELIPE GALLINDO – Não, está certo. Tenho no livro, na dissertação no quadro da violência em Pernambuco que eu pego de dezembro de 1962 até março de 1964 e isso pode ser aprofundado. Tem esse quadro da violência no campo, assassinato, torturas, sequestros.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Isso pode entrar como um capítulo especial porque mesmo que Pernambuco, estou tentando dizer o seguinte, mesmo que Pernambuco não encaminhe para a Nacional, a gente encaminha por aqui.

O SR. FELIPE GALLINDO – É que a Comissão da Verdade de Pernambuco privilegiou cerca de 51 casos sintomáticos, paradigmáticos dentro daquele período, mas ela não aprofundou o período pré-golpe que esse é o meu trabalho.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Como o Neto é responsável além do capítulo dos trabalhadores, porque agora que a Nacional descobriu que o golpe foi civil-militar, empresarial-militar. Então deu um desespero neles agora.

O SR. FELIPE GALLINDO – Agora que descobriu.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Agora deu desespero neles que eles querem mostrar o lado civil-empresarial e esse capítulo vai ser muito destacado e o Neto está fazendo essa parte.

O SR. FELIPE GALLINDO – Em Pernambuco lideranças sindicais eram sequestradas e mantidas como reféns sob tortura nas casas grandes dos engenhos. O próprio livro meu relata em fotos, em textos, em documentos a criação de milícias particulares dos donos de engenho e usinas em Pernambuco no período porque tem um fato que é muito sintomático e ajuda a entender isso e que é incrível como Jeremias que tão jovem, uma liderança assassinada, ele previu isso na sua última carta.

Ele colocou de uma forma bem clara que, a partir do momento que o governo Arraes intervir reprimindo o movimento social, ele perde a base de apoio que era o PCB. Se ele não intervir os próprios latifundiários irão fazê-lo, quer dizer, ele previu de certa forma, politicamente, ele fez uma análise política que ele prevê a própria morte.

No conjunto das entrevistas que foram feitas no ano passado tem uma entrevista muito importante que foi a do filho do Zé Borba, foi na sede do Engenho Oriente com Vital Borba, um dos filhos sobreviventes do velho Zé Borba. E ele colocou que uma semana antes do assassinato de Jeremias, da emboscada que foi a “Chacina do Oriente”, ele foi com o pai, ele era estudante secundário em Recife, para a sede do IV Exército no centro de Recife.

E o pai foi lá falar com, pedir providências já que o governo Arraes tinha prendido e tinha soltado e que o Exército tomasse conta e resolvesse aquela questão

porque ninguém aguentava mais a liderança de Jeremias e o Exército disse, segundo Vital Borba, que o problema não era dele, era da Polícia Militar.

Pois deu sete dias e Jeremias foi assassinado em uma emboscada como é bem conhecido no livro, foi chamado para junto com os trabalhadores fazer o recebimento do décimo terceiro salário atrasado e lá o que encontrou foi uma ação militar. Três pontos com cerca de 50 pistoleiros prontos para matá-lo e trucidarem a massa camponesa.

Então essa relação ela existe e esses depoimentos estão trazendo à tona essas relações e como a classe, a elite latundiária, ela estava se armando e estava fazendo a repressão por si própria no período imediatamente anterior ao golpe.

Isso é um fato pouco conhecido da história no caso de Pernambuco. Fala-se muito da repressão que ocorreu, sem sombras de dúvidas, pós-golpe. As cadeias ficaram tão cheias que colocaram presos nos navios ancorados no porto de Recife e o número de cabeças e pedaços de corpos que foram encontrados depois do golpe na estrada que liga Recife à Caruaru e Caruaru à Campina Grande foi a perder de conta.

O número de mortos e desaparecidos no campo em Pernambuco como assim no Brasil, dificilmente será contabilizado com precisão porque isso foi apagado da memória.

Só para finalizar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Pode.

O SR. FELIPE GALLINDO – Tem um ponto aqui que é a questão da, eu anotei aqui. Oscar Veloso eu já falei, Miguel Arraes. Os advogados, que foi o que você perguntou, não é Sebastião? Eu sei do caso.

A minha tese de doutorado que eu estou fazendo na Federal é justamente a atuação dos advogados dos presos políticos, mas tem uma figura que era importante ser recuperada que certamente os companheiros aqui podem unir forças para ajudar isso em uma reedição do livro em um trabalho posterior.

Tem a figura de um advogado, Joaquim Ferreira, em Pernambuco que era militante do PORT e advogado das ligas camponesas que foi justamente o advogado que foi tirar Jeremias da cadeia de Arraes. A prisão de Jeremias ela foi totalmente arbitrária, sem acusação formal, a pedido dos latifundiários da mata norte de Pernambuco.

Isso é comprovado porque eu peguei um depoimento do delegado auxiliar de Arraes, Rodrigo Souto e que ele também depõem colocando a prisão do Paulo Roberto Pinto e que ele só foi solto três, quatro dias depois graças à intervenção desse Joaquim Ferreira.

Então existem ainda elementos para serem conhecidos desse caso e o elemento principal foi o que eu pesquisei anos, levei anos para conseguir a confiança da população local, consegui apoio do sindicato rural dali que foi importantíssimo, a presidência do Genésio da Silva, ao companheirismo do Genival que é funcionário do sindicato, da direção do sindicato, sem o sindicato eu não conseguiria ter entrado nos engenhos, não conseguiria inclusive ter entrado também no Oriente, é importantíssimo.

Lá até hoje quando as pessoas andam ali, por aqueles caminhos, todo mundo sabe que dentro dos canaviais tem os seguranças armados com “12” e qualquer estranho eles vão em cima perguntar o que é. Se não fosse a participação do sindicato rural não teria conseguido muita coisa adentrando aquele período.

Mas o que eu queria falar justamente é que esses advogados são importantes e no caso pós-golpe que é uma história ainda desconhecida para ser escrita em Pernambuco, a atuação dos trotskistas pós-golpe teve a primeira queda que teve o Martinho, que teve o Aybirê Ferreira de Sá, teve a Sylvia Montarroyos, a Tatiana e outros.

Foi em novembro de 1964 e isso gerou um IPM dos trotskistas, Inquérito Policial Militar e dos vários advogados que estavam presentes teve uma figura que se destacou, a Dra. Mércia Albuquerque que é um dos personagens centrais na minha tese de doutorado, já é falecida ela e ela foi ser advogada dos trotskistas primeiro por causa do Aybirê Ferreira de Sá, o companheiro da dona Lenise e que mesmo sendo trotskista, ele quebrava o pau, discutia dentro da casa de detenção quando era Gregório Bezerra e começava a falar mal do trotskismo defendendo o stalinismo.

Mesmo nessa disputa ideológica, a figura de Gregório Bezerra que é uma figura de expressão nacional, consenso das esquerdas como uma grande figura digna, decente e corajoso falou; “Você está sem advogado”? Aí o Aybirê falou; “Não tenho dinheiro para pagar”. Aí o Gregório Bezerra apresentou a Dra. Mércia para o Aybirê e ela foi advogada do Aybirê, foi advogada do Martinho e de tantos e tantos outros militantes de diversas agremiações entre elas a agremiação trotskista. São histórias ainda para serem recuperadas, a questão dos advogados da ditadura.

E um ponto que eu queria destacar para finalizar mesmo por causa do adiantado da hora. O que me chamou a atenção no caso Jeremias, isso todos os militantes do período colocaram, ele passou pouco tempo em Itambé e não passou seis meses em Itambé mais ou menos direto. Mas como essa memória foi preservada? Como isso ficou forte naquela geração? Porque você anda na rua falando de Jeremias aparece uma pessoa e tem alguém que escutou de casa. Tem um senhor de 90 anos que escutou em casa na caminhada de Jeremias dos 50 anos e ele saiu com a bengala e queria saber: “Estão falando de Jeremias? Eu quero saber o que é isso”.

Tem uma dimensão da antropologia que é muito interessante que é o estranhamento. É quando o pesquisador vai para a comunidade que ele vai viver, comer, beber, dormir, vestir as mesmas roupas daquela comunidade. Isso foi muito forte em Jeremias no período em que ele passou lá.

Os relatos que estão compilados aqui no livro falam que ele vivia como as pessoas, se a pessoa passava fome, ele passava fome. Se a pessoa ia cavar uma, esqueci o nome agora, uma plantação de mandioca, lá chama de macaxeira, ele era o primeiro a chegar, cavar e cavar o que era interessante, o mais bem feito.

Ele fez uma política de vivenciar aquilo que os camponeses e os trabalhadores rurais vivenciaram, assim como outros militantes certamente fizeram e isso causou uma preservação da memória no inconsciente coletivo, parecia que precisava de uma fagulha que detonasse um processo quando se falasse de Jeremias, várias pessoas iriam começar a falar.

Então essa memória ela está sendo preservada, ela foi preservada, agora não vai ter mais nenhuma repressão que consiga apagar Jeremias da história nacional, da memória do povo de Itambé e da memória das lutas sociais no Brasil. Então isso foi um

trabalho coletivo, eu estive nesse trabalho junto com a minha família nessas pesquisas todas, nesses anos junto com os companheiros que sempre ajudaram.

Lembrando, o Martinho fez a capa do livro, isso foi uma generosidade, uma amizade muito grande, esse livro também é dedicado além das minhas duas mães, ele é dedicado a Aybirê de Sá, Lenise, ele é dedicado a Aybirê de Sá. Eu não conheci Jeremias, mas eu conheci o Paulinho, a família, eu conheci o militante com os militantes e eu conheci e aqui eu quero registrar uma homenagem mesmo de coração.

Eu conheci uma figura muito importante e que para mim foi como se eu tivesse conhecido Jeremias, foi o Aybirê Ferreira de Sá. A simplicidade, o caráter revolucionário, ele faleceu há cerca de três anos. Vai fazer dois anos agora, não é?

A SRA. MARIA JOSÉ LENISE DE SÁ – Vai fazer dois anos.

O SR. FELIPE GALLINDO – Vai fazer dois anos. Uma figura importantíssima também dessa geração do trotskismo em Pernambuco e como era difícil reconstruir essa história. As atuais agremiações que reivindicam o trotskismo em Pernambuco, elas não incorporaram porque também tem a disputa dentro do trotskismo, quem é Lambertista, quem é Morenista, quem é Pousalista, também há uma disputa interna dentro da vertente trotskista. Porque eu falava sempre Aybirê e o nosso Gregório Bezerra; a gente precisava privilegiar e destacar o papel desse militante.

Também Aybirê Ferreira de Sá continuou o trabalho de Jeremias lá, não cheguei a conhecê-lo pessoalmente, é uma figura importante nessa história que tem um livro da autobiografia dele. Então foi toda uma geração que foi sendo conhecida, que foi sendo recuperada para a história e uma parte dessa história hoje está recuperada em Pernambuco e está recuperada no Brasil.

Ainda há muito que fazer principalmente sobre a repressão no campo, há muita coisa a ser descoberta. Ainda existem indícios de cemitérios clandestinos no interior do estado.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Esse outro trabalho que você falou sobre a repressão de 1962, esse já está publicado?

O SR. FELIPE GALLINDO – Este está aqui no livro, tem um quadro sobre a violência no campo no livro. Já está publicado. Existe claro, pesquisas para aprofundar, mas já está publicado aqui. Tem um quadro mesmo da violência feito no jornal "A Última Hora" que ele tinha uma coluna sindical.

Aí ele destacava todas as ameaças de morte, tortura, sequestro e prisões. Foi feito um levantamento há cerca de dois anos, às vésperas do golpe em 1964, quadro de violência no campo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Isso aí foi incluído no.

O SR. FELIPE GALLINDO – Isso está na dissertação e está no livro que foi publicado. Então é isso.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Então antes da gente terminar tudo, Murilo, companheiros, gostariam de fazer mais algum comentário, alguma coisa? (Palmas.)

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Só uma.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Pois não. Dona Lélia Pinto. Fala no microfone dona Lélia, por favor.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Essa parte daqui é muito emocionante. Se o Paulinho estivesse aqui, na página 252, entendeu?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Pode ler.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – “A guerra revolucionária estava só começando e eu, Jeremias, seria um dos seus soldados mais ardorosos”. Vocês escutaram, não é? Eu achei muito lindo isso que ele escreveu.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – É bom que a senhora possa gravar. Pode ler de novo, pode ler com calma, com calma, pode ler.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Muito lindo, mas eu não vou poder ler tudo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Não, só isso que a senhora.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Adoro ler. “Que o imperialismo viesse, ele veria o que é a determinação”, isso no sentido do Paulinho. “A determinação revolucionária de um povo latino-americano, seríamos uma Cuba continental”, naquela época. “A guerra revolucionária estava só começando e eu, Jeremias, seria um dos seus soldados mais ardorosos. Em um segundo a bala atravessou o peito do jovem revolucionário, no segundo ele viu o que foi e o que poderia ter sido um segundo ele estava morto”.

Mas, não é por ser meu irmão não, é muito lindo tudo isso com essa mente prodigiosa e maravilhosa escreveu. É muito emocionante. (Palmas.)

Parabéns mesmo, a tudo isso que está emergindo, à Comissão da Verdade enfim, é tudo isso muito lindo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Muito obrigado. Acho que concluímos. Murilo gostaria de dar uma palavrinha, alguma coisa? Tudo bem? Cavalcanti tudo bem? Cavalcanti está dando entrevista.

Bom, não sei se é o mais adequado e como tem muitas correntes trotskistas viu Gallindo? E comunistas e stalinistas, aqui a gente costuma tocar a “A Internacional” sem letra porque, não precisa tocar muito alto, toca baixinho.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – Mas tem?

O SR. FELIPE GALLINDO – Só uma coisinha Adriano. Durante o meu trabalho de pesquisa eu vi que na época o jornal do Partido Comunista Brasileiro o “A Hora” disse que quando Jeremias foi assassinado foi uma liderança do campo. O jornal das ligas camponesas “A Liga”, foi assassinado uma liderança do campo. A Comissão da Verdade de Pernambuco no ano passado disse que vai colocar o caso Jeremias na relatoria do campo.

Esse registro hoje da Comissão da Verdade claro, respeitando todas as vertentes políticas sem sombra de dúvidas, mas é o registro de uma liderança trotskista que foi assassinada. É importante que se diga isso porque diversas agremiações, a própria academia, no caso em Pernambuco, e a própria Comissão da Verdade quiseram apagar da memória que foi assassinado um líder trotskista, não foi assassinada a liderança do sindicato rural de Itambé, foi assassinado um dirigente nacional do trotskismo brasileiro naquele período, naquele contexto particular. Isso a Comissão da Verdade de São Paulo recupera para a história.

A SRA. LÉLIA MARIA PINTO – O que foi feito lá na Comissão, não a Maria do Socorro, mas a outra. Então, ela foi dar respostas às perguntas na comissão lá em cima que ela falou que tinha uma dupla conotação no artigo primeiro da Dilma. Então que tirem essa dúvida. Então, se for preciso ,vamos à Brasília para poder um pouquinho maior, por exemplo, e ficou essa dúvida lá, entendeu?

Ela disse que teria que tirar essa, decodificar, por exemplo, o artigo primeiro da Dilma o porquê não pode ser inserido, entendeu? Ficou essa dúvida lá e ela tentou responder. Aí aquele senhor que estava aqui na Comissão, quer dizer, lá, ele falou assim: “Aconselho a senhora tentar lá em São Paulo”. Foi aquele senhor de barba, ele falou “Eu aconselho a senhora tentar em São Paulo porque como a senhora está vendo aqui é um pouquinho difícil” eu falei: “Um pouquinho não, bastante”.

O SR. FELIPE GALLINDO – Pelos alegados da Comissão da Verdade de Pernambuco é que havia um impedimento estatutário no regulamento poderia investigar apenas os casos das vítimas da repressão estatal que foi colocado no caso e que poderia ter e existem até hoje a dúvida, se existiam policiais militares da região na mata norte de Pernambuco entre os capangas que participaram da emboscada e claro, a repressão depois ao promotor e ao juiz nem se fala, foi repressão estatal.

Mas existia um impedimento político maior. A Comissão da Verdade de Pernambuco foi criada pelo governador Eduardo Campos, neto de Miguel Arraes. Não precisa comentar mais nada.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Ótimo, bom, mas a pergunta que eu queria te falar como grande teórico que a “A Internacional” sem letra nos unifica, não é? A senhora quer falar alguma coisa? Pois não. Fala no microfone, por favor.

A SRA. MARIA JOSÉ LENISE DE SÁ – Eu apenas queria que o senhor me desculpasse porque não foi a minha intenção ofendê-lo e nem a questão da Comissão e

eu reconheço o trabalho da Comissão. Só não concordo com essa questão de que as pessoas não possam ser julgadas e responder pelos seus crimes, compreendeu?

Mas isso não é um problema do senhor, nem da sua Comissão em particular, o problema é da coisa como foi feita a partir do governo. Eu agradeço por ter vindo e peço desculpas por isso. Certo?

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Eu vou dizer uma coisa para a senhora, vou tentar responder com calma, vou dizer uma coisa para a senhora.

A SRA. MARIA JOSÉ LENISE DE SÁ – Vamos encerrar por aqui.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Não, não vou encerrar porque a senhora falou de novo uma coisa que não me diz respeito e eu vou responder, não vou levar desaforo para casa mais uma vez. A senhora está insistindo em dizer que nós somos contra a punição aos torturadores. Então eu vou dizer uma coisa para a senhora.

A SRA. MARIA JOSÉ LENISE DE SÁ – Não é isso. Isto é um engano. Eu não estou dizendo dessa Comissão em particular. É da forma como foi estruturado esse organismo.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO - PT – Então eu vou tentar responder para a senhora porque não é a primeira vez para acalmar o seu. A senhora pode falar e eu respondo. A senhora quer terminar? Então eu vou tentar explicar para a senhora.

Minha senhora, vou dizer uma coisa para a senhora. A punição aos torturadores, a abertura dos arquivos, a revisão da lei da anistia é um ponto básico do nosso trabalho.

O que a senhora está um pouco atrapalhada e confusa e a senhora tem razão, é que a lei que criou a Comissão Nacional da Anistia e alguns pronunciamentos colocou que e principalmente a decisão do STF de 2010, colocou que a lei da anistia não pode ser revista ou reinterpretada.

Então eu tentei falar isso quando o Gallindo falou que é o seguinte, essa bobagem que surgiu quando da aprovação da lei, que era uma exigência dos militares, tanto é que chamava “Comissão da Memória, Verdade e Reconciliação”, olha como era o termo, reconciliação.

Isso aí já caiu por terra, não tem mais isso e até o próprio Dr. José Carlos Dias quando ouviu o Paulo Malhães, ele olhou na cara do Paulo Malhães quando o Paulo Malhães estava falando do caso Rubens Paiva, que ele usou o termo “fazer”. Como foi Rubens Paiva? Ele falou assim: “Como nós fizemos o Rubens Paiva”. “Fizemos” como nós desmontamos o Rubens Paiva. Aí o José Carlos Dias falou assim; “E quantos o senhor fez?” Ele falou: “Vinte e um”.

Então essa tese está completamente superada. A Comissão de São Paulo nasceu sob orientação da decisão da Corte Interamericana que é, isso aqui é o nosso texto básico, que a decisão da Corte Interamericana que o Brasil tem rever a sua posição em relação à punição no estatuto dos torturadores.

Enquanto a senhora estava depondo tinha uma moça que estava chegando agora da Costa Rica, uma gaúcha, Suzana Lisboa que com mais cinco mulheres foram lá para a Costa Rica e ela estava assistindo todos os depoimentos que é exatamente o objeto não só dessas comissões, de todo mundo, no Brasil que está tratando desse negócio de memória, verdade e justiça.

Então eu acho que é justa a sua preocupação, é honesta, mas embora tenha essa mística aí que não tem mais ninguém no Brasil que sustente esta tese. Talvez aquele senhor de Pernambuco que foi indicado pela Comissão Nacional, aquele senhor ele escreveu até um artigo no jornal em um dia importante, não me lembro que dia, falando essa bobagem e ele é uma pessoa hoje, agora eu vou falar gravando, totalmente desautorizada em público para falar pela Comissão Nacional da Verdade.

Digo e repito, ele é desautorizado, ele não fala mais em nome da Comissão Nacional da Verdade. Ele só não é destituído da Comissão para não criar um problema político maior, mas ninguém o leva a sério, ninguém.

Então fique tranquila que hoje no Brasil quando nós começamos a Comissão da Verdade, talvez nós fôssemos 30 mil que reivindicassem isso no território nacional. Hoje seguramente são não mais de três milhões, entendeu? Então lógico que a senhora foi convidada pela Comissão Nacional da Verdade e na Comissão Nacional da Verdade quem a convidou que foi a Dra. Rosa Cardoso, nunca aceitou esse negócio de não-punição aos torturadores, nunca e esse consenso foi aumentando.

Enquanto à participação das empresas, dos empresários no começo era só papel do estado, repressão do estado. Isso aí acabou, hoje todo mundo quer saber como parte civil da repressão. Então não é nada em relação à posição que a senhora falou aqui. Existe, evidente que existe na sociedade brasileira ainda um sentimento altamente conservador que acha, então precisamos e vamos deixar claro que isso é bom, que estabelece uma relação de solidariedade que é a base da nossa confiança.

Então muito obrigado por a senhora ter vindo aqui a São Paulo. Muito obrigado. E obrigado aos familiares, desculpem esse nosso jeito atrapalhado de fazer a discussão política porque essa é uma forma respeitosa de nós nos lembrarmos do Jeremias. Muito obrigado. (Palmas.)

É executada “A Internacional”

* * *